

BOAS PRÁTICAS DE
acolhimento e bem-estar
NAS ESCOLAS BRASILEIRAS



Realização

vivescer

instituto
península

consed



Abertura

V/P vi V/P






Os últimos anos foram muito desafiadores para o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), que precisou ampliar seu apoio aos estados devido ao incerto cenário da pandemia de Covid-19. Nesse contexto, o conselho assumiu um papel de protagonismo na condução das ações para o enfrentamento da crise sanitária, buscou soluções em conjunto e promoveu o compartilhamento de boas práticas.

Uma das importantes ações lideradas pelo Consed no período foi a parceria com a Vivescer/Instituto Península, que proporcionou formação docente com foco no acolhimento e desenvolvimento integral. O momento exigia e a ação foi bem recebida pelas redes, que por sua vez precisavam apoiar as unidades de ensino nesse tema.

Em todo o mundo, o desenvolvimento integral dos estudantes era uma necessidade antes mesmo da pandemia, e se tornou indispensável devido a todos os efeitos causados por ela. Portanto, destacamos aqui a importância dessa ação para garantir que os nossos professores e alunos estivessem mais bem preparados para a etapa de recomposição das aprendizagens.

Vitor de Angelo

Secretário de Educação do Espírito Santo e presidente do Consed no biênio 2021-2022, reeleito para o biênio 2023-2024.



Desde seu surgimento, em 2010, o Instituto Península atua em prol dos professores brasileiros porque acredita que são eles os principais agentes de transformação da Educação. Por isso, investimos em pesquisas tanto para mapear os desafios enfrentados pelos educadores, quanto para apoiá-los no desenvolvimento de sua carreira e na valorização da profissão.

Observando os últimos anos, em que os desafios da Educação – que já eram grandes – foram agravados pela pandemia, a necessidade de olharmos para os professores e de repensarmos a escola foi escancarada. As desigualdades sociais e educacionais, os abismos de aprendizagem entre os estudantes e as questões latentes de saúde mental, vivenciadas tanto por professores quanto por alunos, comprovam que não é possível seguirmos agindo da maneira como sempre fizemos.

Definitivamente, é preciso reinventar a escola, humanizá-la, transformá-la em espaço de acolhimento e bem-estar para professores e alunos, potencializando as situações de aprendizagem. Por isso a urgência em oferecer propostas de formação docente com esse foco.

Esta publicação relata os desdobramentos de nossos esforços na construção dessa nova escola, por meio de um trabalho de formação das equipes técnicas de diversas secretarias estaduais brasileiras, ao longo de três anos, via parceria entre Consed e Vivescer, trazendo como eixo central o acolhimento e bem-estar como cultura escolar – cultura porque, ao entender que a Educação se constrói na relação entre cada um e cada uma que compõe o sistema educacional, ultrapassamos a noção de acolhimento como um momento pontual da escola, trazendo a ideia de uma transformação radical nas relações que se estabelecem no ambiente escolar.



Ao ler os relatos de cada rede estadual, você perceberá que, apesar de termos uma longa estrada pela frente, ela, sem dúvida, já apresenta novos e potentes caminhos rumo à Educação necessária às crianças e aos jovens do século 21, uma Educação que torne nossos meninos e meninas capazes de lidar com uma complexidade de mundo cada vez maior, ao mesmo tempo que se tornam aptos a prosperar no cuidado de si, do outro e do planeta.


Com esta publicação, esperamos inspirar outras redes e equipes educacionais na construção de uma Cultura de Acolhimento na Educação. Também esperamos honrar e agradecer a confiança do Consed, nosso parceiro neste trabalho, e de cada rede e cada profissional da Educação que esteve conosco ao longo desses anos. Os inúmeros aprendizados que tivemos nessa trajetória e a dedicação e os esforços de cada um e cada uma empenhados nessa construção conjunta nos fazem ter a esperança e a certeza de que uma Educação humana e acolhedora não só é possível, como já está acontecendo.

Heloisa Morel

Diretora-Executiva do Instituto Península.

Conteúdo

Por que um livro sobre práticas de acolhimento e bem-estar?	7
Parte 1: Acolhimento como convite para o desenvolvimento integral	
A Frente de Formação do Consed e a parceria com a Vivescer	20
Acolhimento e bem-estar para o desenvolvimento integral	23
Vivescer-Consed: marcos de um percurso formativo	30
Parte 2: Experiência das Equipes Estaduais	
Amapá	39
Espírito Santo	51
Maranhão	59
Minas Gerais	68
Mato Grosso do Sul	76
Pernambuco	85
Rio de Janeiro	94
Roraima	101
Tocantins	109
Parte 3: Vivescer – Retrato de uma parceria com o professor brasileiro	
Avaliar para amadurecer e multiplicar	116




Por que um livro sobre práticas de acolhimento e bem-estar?

Escutamos com frequência que ser professor ou professora na educação básica é um trabalho muito desafiador. E não é à toa. A importância que a escola tem para o futuro de crianças e jovens faz com que a profissão docente receba cobranças e gere expectativas da sociedade e dos governos. Soma-se a isso os obstáculos que a carreira pode trazer consigo, como remunerações pouco atrativas, formação limitada e falta de estrutura e apoio, que tendem a se intensificar quando se tem diante de si estudantes de contextos socioeconômicos mais vulneráveis, comum nas redes públicas de ensino do Brasil.

Geralmente, essa situação pode levar professores a enxergarem uma contradição entre as cobranças e as expectativas em relação ao seu trabalho e a forma como ele é valorizado. Para se ter uma ideia, a pesquisa do *Teaching and Learning International Survey* (TALIS), de 2018, mostrou que apenas 11% dos professores brasileiros acreditam que a sua profissão é valorizada pela sociedade, um índice bastante baixo quando comparado com o de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), cuja média é de 26%, e de alguns da América Latina, como Colômbia e México, que ficam bem acima, em torno de 40%.

Quando se sente pouco valorizado no trabalho, o profissional tende a ficar desestimulado a aprender coisas novas, atuar em equipe e enfrentar situações diferentes e desafiadoras. Todos esses são fatores que influenciam a saúde e o bem-estar do indivíduo. Basta verificar que a mesma pesquisa TALIS revelou que somente 14% dos professores no Brasil afirmam não se sentirem estressados no trabalho. Por sua vez, quase 40% dizem sofrer muito ou algum estresse considerável.





Difícilmente alguém irá questionar que professores, assim como qualquer outra classe profissional, devam exercer o seu trabalho sob as melhores condições possíveis. Mas especificamente essa profissão impacta diretamente e diariamente a vida de muitos. Isso significa que milhões de crianças e jovens podem ter a sua aprendizagem prejudicada por conta de problemas relacionados à saúde e ao bem-estar de seus professores. Um estudo da OCDE¹ sobre o tema mostrou que países nos quais professores se sentem mais valorizados, como Bélgica, Holanda, Coréia do Sul e Canadá, tendem a alcançar os melhores resultados no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA). Outras análises também apontam para uma forte relação entre o nível de estresse docente e a aprendizagem dos alunos.

Se estamos afirmando que o bem-estar do professor e da professora tem efeitos na aprendizagem dos estudantes, o problema ganha novos contornos. O investimento em melhores condições de trabalho, em vez de ser encarado como apenas voltado ao docente – o que, por si só, já não deixa de ser fundamental –, torna-se algo que também traz efeitos positivos à criança e ao jovem em sala de aula. Pois, a própria qualidade da educação ofertada é influenciada pela saúde e pelo bem-estar daqueles que se encontram na linha frente do processo de ensino e de aprendizagem.

Outro ponto que coloca esse tema em destaque diz respeito à pandemia de Covid-19, que trouxe aos professores desafios sem precedentes e elevou os níveis de estresse e ansiedade. A pesquisa Pulso², realizada pelo Instituto Península em quatro momentos de ensino remoto da pandemia e no retorno presencial, revela o tamanho do impacto que o período de isolamento social, com suas apreensões acerca do retorno às salas de aula, trouxe ao bem-estar de professores da educação básica.

¹ VIAC, Carine; FRASER, Pablo. *Teachers' well-being: A framework for data collection and analysis*. 2020.

² Disponível em https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Pulso-Sentimentos_-dados-compilado.pdf




Sabemos também que os efeitos da Covid-19 na educação não se deram apenas por conta do desgaste pelo qual passaram professores, estudantes e familiares ao longo do período de ensino remoto. A pandemia afetou a aprendizagem de toda uma geração de crianças e jovens, sobretudo os mais pobres, que não dispunham das condições ideais para estudar em casa. Sendo assim, além de terem de lidar com seus temores e ansiedades em relação ao retorno às salas de aulas, professores também precisaram enfrentar o desafio de recompor e recuperar as aprendizagens de milhares de estudantes. Um desafio que, de acordo com a maioria das previsões, ainda se deve fazer presente por alguns anos.

Investir no bem-estar de professores da educação básica é fundamental em qualquer momento. Todavia, nos tempos atuais, dados os impactos da pandemia e os obstáculos que ainda existirão por muito tempo, a questão se revela ainda mais urgente. Esse é o principal pressuposto que deu origem à parceria da Vivescer com o Consed, que proporcionou diversas experiências enriquecedoras voltadas ao bem-estar de professores, as quais apresentaremos com detalhes neste livro.

Mas do que exatamente estamos falando quando discutimos bem-estar de professores? O termo, embora bastante familiar, ainda nos soa um pouco genérico e carece de alguma concretude. Quais dimensões estão envolvidas e como cada uma pode afetar a atuação do profissional e, por consequência, o processo de ensino e de aprendizagem?

O que quer dizer bem-estar de professores?

Segundo a OCDE, o bem-estar de professores deve ser entendido a partir de quatro importantes dimensões: cognitiva, subjetiva, física e mental e social. Sendo assim, o seu conceito diz respeito às respostas desses profissionais às dimensões cognitivas, emocionais, sociais e de saúde física e mental relativas à realização do seu trabalho.




Essas respostas, por sua vez, se dão a partir de acontecimentos, situações e condições de trabalho que ocorrem nos níveis do sistema e da escola.

O nível do sistema está relacionado às questões institucionais que regulam a atividade docente. Por exemplo, no Brasil, trata-se de legislações, diretrizes e políticas de nível nacional que devem ser seguidas por escolas de redes federais, estaduais e municipais e de ensino privado, assim como legislações, diretrizes e políticas locais de estados, municípios e instituições privadas.

Entendemos, portanto, que tudo aquilo que é estabelecido por um sistema educacional traz impactos na atividade da profissão, o que gera, por sua vez, respostas positivas ou negativas. Estamos falando de processos de admissão, estrutura de carreira, carga horária de trabalho, avaliações em larga escala, políticas de bônus e incentivo, programas de desenvolvimento profissional, entre outros.

No nível da escola, entram em cena questões como a infraestrutura da unidade e as condições locais de trabalho, relação com a direção escolar e demais professores, composição das turmas, nível socioeconômico dos estudantes, clima escolar e participação das famílias. Enfim, tudo aquilo que não depende diretamente de uma política de sistema e pode variar de uma escola para outra.

Ainda de acordo com a OCDE, as quatro dimensões citadas, que se dão nos níveis do sistema e da escola, impactam a atividade docente de duas formas. Primeiro, temos efeitos que são considerados internos, ou seja, que estão diretamente relacionados ao profissional. Eles dizem respeito ao envolvimento de cada um com o seu trabalho, à vontade de permanecer na profissão e aos níveis individuais de estresse. Segundo, temos os impactos que consideramos externos, que vão além da figura do professor ou da professora e estão associados à qualidade dos ambientes de aprendizagem. Trata-se dos acontecimentos da sala de aula e do bem-estar dos estudantes.



Em suma, o bem-estar de professores é resultado das respostas cognitivas, emocionais, sociais e de saúde de cada profissional para condições, políticas e acontecimentos que se dão nos níveis da rede e das escolas, que trazem impactos na atuação individual, no ambiente escolar e nos estudantes.


Qual a relação entre bem-estar de professores e aprendizagem dos estudantes?

O bem-estar cognitivo refere-se, segundo a OCDE, ao conjunto de competências e habilidades que o professor precisa ter para trabalhar de forma eficaz. Não apenas ser capaz de ensinar o currículo e realizar outras tarefas do dia a dia escolar, mas também confiar na sua capacidade de executar o trabalho que lhe cabe. Esse é um ponto importante, tendo em vista que diversos estudos indicam que professores seguros em relação à sua expertise na área em que atuam tendem a alcançar resultados melhores com os estudantes.

E como se encontram nossos professores em relação ao bem-estar cognitivo?

Um dos indicadores obtidos na pesquisa Pulso diz respeito à preparação dos professores para o ensino remoto. Antes do início da pandemia, 88% afirmaram não ter nenhuma experiência com ensino a distância. Na segunda fase da pesquisa, realizada durante a pandemia entre os meses de abril e maio de 2020, 83,4% dos professores se sentiam nada ou pouco preparados para promover um ensino a distância.

Sem dúvida, estamos falando de algo que diz respeito à dimensão cognitiva e que certamente afetou o bem-estar dos professores. Basta observarmos dados relativos aos sentimentos desses profissionais no mesmo período: 67% diziam-se ansiosos e cerca de 35% consideravam-se estressados e sobrecarregados.



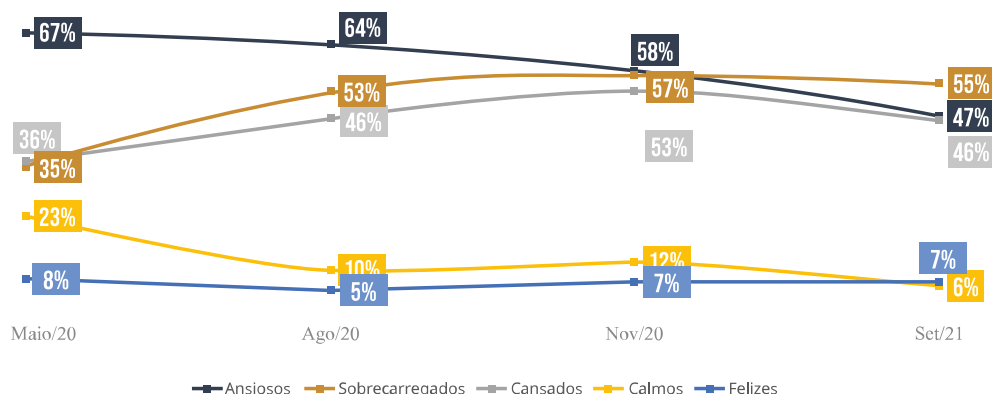
Na terceira fase da pesquisa Pulso, realizada entre julho e agosto de 2020, na qual já havia mais conhecimento sobre a pandemia e as práticas de ensino adotadas, a relação do professor com o ensino remoto melhorou. Contudo, 46% ainda apontavam a falta de habilidades com ferramentas virtuais como um dos principais desafios na realização do seu trabalho, e 64% indicavam a dificuldade de manter o engajamento do estudante por meio da interação online.

Já na quarta fase da pesquisa, realizada durante a retomada parcial das atividades presenciais, persistia entre professores o sentimento de que ainda não dominavam as ferramentas virtuais: 60% indicavam a necessidade de terem mais conhecimento de estratégias pedagógicas remotas, enquanto 51% destacavam a importância de se apropriarem de novas tecnologias.

Sentir-se incapaz de realizar o seu trabalho de forma adequada e de mobilizar os estudantes impacta o bem-estar cognitivo dos professores. Mesmo com o retorno às atividades presenciais, o sentimento de ansiedade e frustração desse período perdurou e continuou afetando o desempenho docente. Basta observarmos os resultados da pesquisa Pulso de retorno às salas de aula, realizada entre agosto e setembro de 2021, quando já tínhamos ampla cobertura vacinal e o modelo presencial voltou a ser realidade em todo o país: quase metade dos professores ainda se sentiam ansiosos, sobrecarregados e cansados.

O Gráfico 1 traz esses dados ao longo do tempo, mostrando como a pandemia afetou os sentimentos dos professores, de forma imediata e no longo prazo, e manteve índices desafiadores em alta mesmo após o retorno presencial.

Gráfico 1. Sentimentos dos professores do início da pandemia até o retorno às salas de aula




Fonte: *Desafios e perspectivas da educação: uma visão dos professores durante a pandemia*. Instituto Península, 2021.

Mas sabemos que há outras dimensões em jogo que contribuiram para a manifestação desses sentimentos nos professores, ligadas ao bem-estar subjetivo.

De acordo com a OCDE, o bem-estar subjetivo está relacionado a um bom estado mental alcançado a partir de avaliações positivas e negativas que o indivíduo faz em relação à sua vida, incluindo a atuação profissional. É a dimensão que diz respeito ao sentimento de autorrealização. Para um professor, não se trata apenas de enxergar de forma positiva o propósito da atividade docente, mas de considerar o trabalho que ele próprio realiza importante e dotado de sentido.

Sendo assim, o bem-estar subjetivo tem forte relação com o cognitivo, pois um professor autorrealizado tende a ser aquele que se considera apto a realizar o seu trabalho com qualidade. Estudos reunidos pela OCDE apontam que ter um propósito claro em sua vida, principalmente a profissional, é um fator importante para evitar situações de estresse no trabalho e prevenir o *burnout* – estresse crônico relacionado ao trabalho.





A terceira dimensão é o bem-estar físico e mental. Pesquisas mencionadas pela OCDE mostram que a classe profissional dos professores tende a sofrer mais problemas psicossomáticos do que outras, como distúrbios de sono, esquecimento, dores e irritabilidade. Embora professores sejam, em geral, fisicamente mais ativos, costumam sofrer mais de dores de cabeça, ansiedade, hipertensão e doenças cardiovasculares.

Não é de se espantar que doenças e sintomas como os mencionados influenciem em situações de estresse e *burnout*, que afetam o trabalho desse profissional, principalmente em sua relação com os estudantes em sala de aula. Essa dimensão torna-se ainda mais importante quando nos atentamos aos efeitos da pandemia no aumento nos níveis de sedentarismo e distúrbios do sono.

Na primeira fase da pesquisa Pulso, no início da pandemia, apenas 24% dos docentes afirmaram praticar atividades físicas dentro de casa, caindo para 22% na fase seguinte. Por conseguinte, no terceiro momento, 75% apontaram piora no condicionamento físico, enquanto 66% disseram que a qualidade do sono caiu muito ou um pouco.

Espera-se que o retorno às atividades presenciais amenize problemas como esses. Entretanto, assim como os efeitos do ensino remoto na aprendizagem, os impactos podem perdurar por mais tempo. Se o professor ou a professora carregou parte das dificuldades do período de isolamento social para dentro das salas de aula, o mesmo também ocorreu com os estudantes, que retornaram diferentes para a escola, cada um trazendo uma diversidade de temores e ansiedades próprias. Quando perguntados sobre a motivação para retomarem as atividades presenciais, em setembro de 2021, mais de 50% dos professores afirmaram estar pouco ou nada motivados.



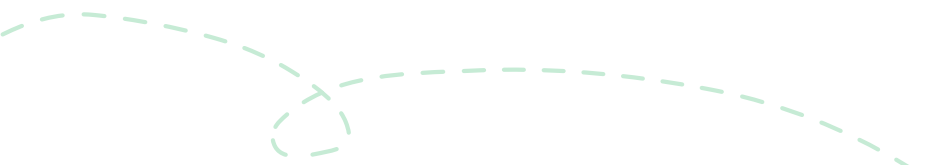
Por fim, a quarta e última dimensão é a do bem-estar social. Para realizarem o seu trabalho, professores precisam se relacionar com uma ampla diversidade de sujeitos: estudantes, outros professores, coordenadores pedagógicos, diretores escolares, familiares e responsáveis pelos estudantes e gestores e demais profissionais da rede de ensino.

O bem-estar social diz respeito, portanto, a todo um conjunto de interações que podem trazer efeitos positivos ou negativos para os professores e, conseqüentemente, para a sua atuação profissional. Situações de estresse e *burnout*, por exemplo, podem ser tanto consequência quanto responsáveis por relações sociais ruins de professores com estudantes, comunidade e outros profissionais.

Percebe-se, porém, uma atenção dos professores para a importância das relações sociais no contexto escolar. Na pesquisa Pulso, quando perguntados sobre quais estratégias poderiam ser mais efetivas para melhorar o engajamento dos seus alunos, a resposta mais citada, com 58%, foi o maior envolvimento da família. Certamente, para que esse envolvimento conduza a bons resultados, é necessário que os próprios professores estejam preparados para ter uma relação mais próxima com os responsáveis dos estudantes.

Como promover o bem-estar de professores?

As definições das quatro dimensões que compõem o bem-estar dos professores, junto às pesquisas apontadas pela OCDE, mostram como diversos aspectos da atuação docente são impactados pelo bem-estar desses profissionais. No caso dos impactos negativos, sabemos que um dos principais resultados diz respeito aos prejuízos à aprendizagem dos estudantes. Isso, por si só, já aponta para a importância de um livro como este, sobre práticas de acolhimento e bem-estar.





Por sua vez, os indicadores da pesquisa Pulso apontam que a pandemia de Covid-19 fez com que esse tema, que já era importante, viesse a se tornar urgente. Afinal, os dados mostram que os professores estão mais ansiosos, estressados e desmotivados que antes. E dificilmente venceremos os principais desafios da educação brasileira sem que esses profissionais sejam capazes de exercer o seu trabalho em condições cognitivas, subjetivas, físicas, mentais e sociais adequadas.

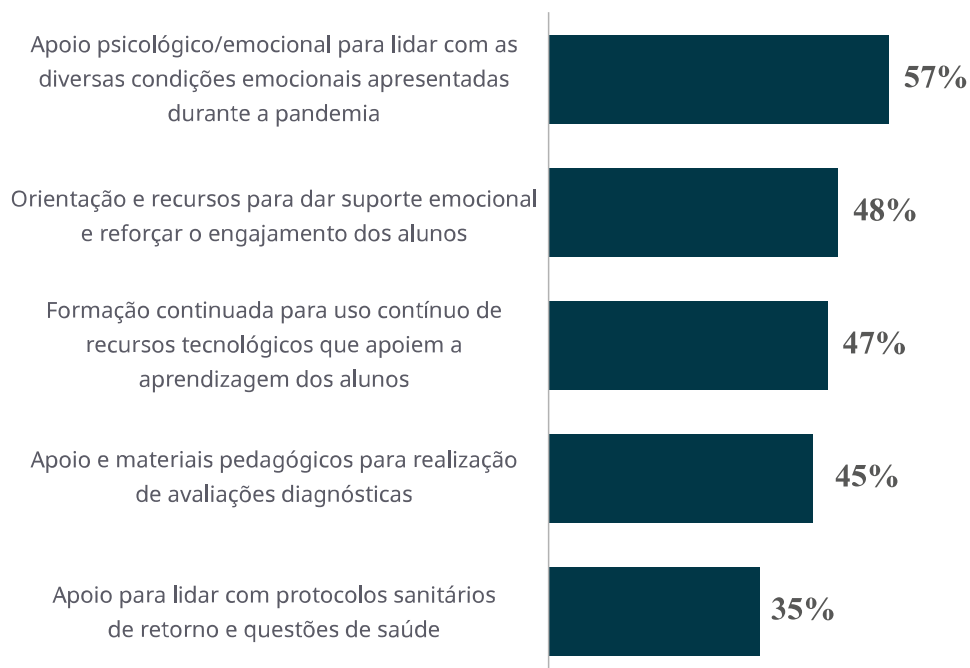
Essa é uma percepção compartilhada entre os próprios docentes. Conforme podemos observar no Gráfico 2, o apoio psicológico e emocional é encarado pelos professores como a maior necessidade após o retorno às salas de aula no contexto da pandemia, estando acima de demandas mais tradicionais, como ações formativas e apoio pedagógico.

Bem-estar dos professores importa! As pesquisas, os indicadores e os próprios docentes corroboram essa afirmação. Resta, então, uma última pergunta: quais práticas podem dar conta dessa demanda? É justamente essa questão que a presente publicação busca responder ao longo dos próximos capítulos, por meio de relatos e análises de experiências bem-sucedidas nessa área.

Os aprendizados da Vivescer, em parceria com o Consed, mostram que o bem-estar não é um conceito tão abstrato quanto se pensa. Formações voltadas a ações concretas podem ser empregadas para que professores se reinventem, construam novos olhares e estabeleçam relações e respostas positivas em um ambiente tão desafiador quanto o da escola.



Gráfico 2. Estratégias e ações consideradas mais importantes pelos professores



Fonte: *Desafios e perspectivas da educação: uma visão dos professores durante a pandemia*. Instituto Península, 2021.

V/P vi V/P



Parte
01

Acolhimento como
convite para o
desenvolvimento
integral

A Frente de Formação do Consed e a parceria com a Vivescer


O artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), assim como o artigo 205 da Constituição Federal (CF/1988) delineiam os fundamentos e as bases que sustentam as finalidades da educação no Brasil e que atribuem ao estado, à família, à sociedade e à escola a garantia do direito inalienável à educação.

Assim, a educação deve proporcionar o desenvolvimento humano na sua plenitude, em condições de liberdade e dignidade, respeitando e valorizando as diferenças.

Nesse contexto, a escola é o espaço mais indicado de formação cultural e científica que contribui, por meio do processo de ensino e de aprendizagem, para a emancipação das pessoas e para a convivência em sociedade.

Diante dos desafios do cotidiano escolar, advindos da conjuntura e das estruturas socioeconômicas presentes no atual contexto brasileiro e também, mais recentemente, os originados ou agravados pela pandemia de Covid-19, evidencia-se cada vez mais a necessidade de instrumentalizar a equipe escolar que atua nas escolas, para o desenvolvimento de ações e práticas educativas que possam dar conta destes desafios.

Os conhecimentos escolares estão intimamente ligados às práticas socialmente construídas no dia a dia e ao longo de décadas na escola, sendo o currículo fruto de uma seleção e produto de saberes e sentidos das práticas produzidas nas escolas. Dessa forma, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs, 2013), “as políticas curriculares estão sempre num processo de vir-a-ser, sendo múltiplas as leituras possíveis de serem realizadas por múltiplos leitores, em um constante processo de interpretações”.



Neste contexto, os professores têm um papel relevante nas mudanças curriculares, uma vez que suas escolhas determinam a forma como o currículo se concretiza e reconstitui-se no cotidiano da sala de aula. E, especialmente com os impactos da pandemia no cotidiano escolar, o debate sobre a formação dos educadores das redes de ensino para lidarem com as antigas e atuais demandas de seus alunos foi amplamente potencializado e apresentado de forma significativa no momento de retomada das ações e práticas pedagógicas nas escolas.

Diante desse diagnóstico, o grupo de formação do Consed propôs um amplo debate reflexivo e crítico em torno da retomada das aulas presenciais nas escolas, tendo como base o processo formativo da equipe escolar, garantindo-lhes espaços de acolhimento, escuta ativa e apoio emocional, em vista da continuidade das ações escolares, bem como o recebimento dos estudantes em seus espaços de aprendizagem e de convivência.

Foram propostas pelo grupo várias ações, como rodas de conversas e formação junto aos atores educacionais, e a disponibilização de orientações – buscando sempre potencializar as iniciativas já em curso de algumas redes – sobre saúde mental.

O grupo também estabeleceu interlocução interinstitucional com a rede de atendimento e proteção para buscar soluções para as questões que necessitam de encaminhamentos de estudantes ao sistema de saúde, além de desenvolver junto às escolas as Práticas Restaurativas, por meio de parcerias, as quais têm contribuído no acolhimento de estudantes e equipe pedagógica, em espaços de diálogos estruturados.

Neste contexto, a parceria com a Vivescer, iniciativa do Instituto Península, veio subsidiar os gestores escolares e equipe técnico-pedagógica na compreensão e no exercício de seus papéis no fluxograma de atendimento dos estudantes no espaço escolar, devendo suas ações serem pautadas pela sensibilidade, acolhimento e



escuta empática e personalizada daqueles que, de acordo com a necessidade apresentada ou fatores intervenientes de diversas ordens, possam ser atendidos e acolhidos como tal.

E, desse modo, a formação da Vivescer disponibilizada para as redes de maneira institucional via Consed possibilitou às escolas a oportunidade de qualificar os espaços de formação e seus sujeitos na perspectiva do desenvolvimento humano integral.

Esse conjunto de ações busca reforçar que a escola de educação básica e seus atores dividem um mesmo espaço, que é coletivo, democrático, inclusivo e de convívio, onde são privilegiados o acolhimento e o respeito aos direitos humanos e sociais instituídos para garantir o bem-estar de todos que dele participam.



Acolhimento e bem-estar para o desenvolvimento integral




No ano de 2020, do compromisso compartilhado com a educação pública de qualidade para todas as crianças e para todos os jovens do Brasil, nasceu a parceria entre Consed e Vivescer. Desde então, essa parceria se fortaleceu e se desdobrou em novas práticas pelo país, superando novos e velhos desafios, com foco no **desenvolvimento integral de educadores e estudantes**.

Desenvolvimento integral como direito

O ideal de desenvolvimento integral dos estudantes, expressos nas Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tem mobilizado muitas propostas educativas de qualidade em todo o Brasil. Mas como fica a questão do desenvolvimento integral dos professores?



A Vivescer foi concebida a partir da convicção de que o professor que teve e tem a oportunidade de seguir se desenvolvendo integralmente pode fortalecer um conjunto de competências pessoais e profissionais que o ajudam a responder de forma **flexível, espontânea e funcional** aos desafios do ensino. Esse educador tem condições de assumir uma **postura de autoria** em seu trabalho e, assim, atuar de forma proativa e responsável, avaliando e corrigindo rumos.

Para apoiar o desenvolvimento integral dos educadores, a Vivescer foi estruturada em quatro jornadas: Corpo, Emoções, Mente e Propósito. O foco dessa formação é o fortalecimento de competências relacionadas às jornadas:

- 
1. Compreender como corpo, mente e emoções se relacionam, promovendo **cuidado e conhecimento mais sensível de si**, para **modular tensões e estados emocionais** em direção a uma **atuação mais coerente e significativa** e um **olhar mais compassivo para os outros**, evitando rótulos e preconceitos.
 2. Analisar de forma mais ampla os processos de aprendizagem das organizações das quais participa, **comprometendo-se com um ideal de ensino personalizado**, que permita que os alunos exercitem uma postura ativa e protagonista na construção do conhecimento de mundo e de si mesmos, compreendendo seu próprio percurso de aprendizagem e incidindo sobre ele.
 3. Coordenar **múltiplas perspectivas** nas aulas, diálogos e trocas com os alunos, **exercitando a escuta ativa e a sensibilidade cultural na adoção de uma perspectiva flexível, inclusiva e integradora ao ensinar**.
 4. Refletir sobre seu propósito de vida, a partir da retomada de sua história pessoal e da análise dos diferentes papéis e comportamentos que marcam sua vida, para **atuar de maneira consciente, ética e crítica no seu fazer docente, em conexão com as grandes questões atuais da Educação**.

Escolas comprometidas com o desenvolvimento integral

No entanto, para construir as condições para essa escola pública de qualidade, com formação de seus alunos e professores em sua integralidade e em cada rede pública de ensino, é preciso ir além dessa formação individual de educadores.



É preciso ter um olhar mais amplo, seguindo na direção da formação de coletivos escolares comprometidos e engajados com esse ideal.

Ou seja, a nova pergunta que se coloca é como criar, na escola, laços de pertencimento, cooperação e empatia que favoreçam o desenvolvimento de todos: estudantes, professores, equipes de apoio e gestores? Essa pergunta norteou os três anos de formação da parceria Vivescer-Consed e a sua resposta foi se construindo nesse processo a partir de princípios, reflexões, estudos de caso, debates e produções coletivas.

Uma das principais características norteadoras do processo, observada a partir dos coletivos engajados com o desenvolvimento integral de seus participantes, é o compromisso com uma *cultura de acolhimento*.

Acolher e ser acolhido são duas faces de uma atividade humana fundamental que nos permite construir relações de pertencimento e de sentido e saberes compartilhados com um grupo. São dinâmicas de conexão e reafirmação de laços afetivos e sociais. Diante das múltiplas crises que estamos enfrentando, essas ações nunca foram tão necessárias e urgentes para a sociedade e, particularmente, para a escola.¹

A palavra *cultura* refere-se ao entendimento do acolhimento não como um evento pontual – como no início de um ano letivo ou como no retorno presencial após longo e atípico tempo de afastamento por conta da pandemia de Covid-19 –, mas como uma diretriz que sustenta uma diversidade de práticas reiteradas no tempo, sustentada por valores e princípios compartilhados pelo coletivo.

¹ Orientações de Acolhimento aos Educadores – Instituto Península. Disponível em: https://institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/08/instituto-peninsula_rp_08-ago_nota-tecnica_arte_programa-de-acolhimento-v4.pdf



Dessa forma, quando falamos do acolhimento como cultura no espaço escolar, referimo-nos a um determinado conjunto de princípios, ideias e práticas que se manifestam nas relações que os indivíduos estabelecem entre si e com o coletivo, tais como:

- Acolhimento pela escuta aberta e pelo diálogo;
- Criação de espaços de pertencimento mútuo;
- Valorização das diferenças;
- Construção de saberes pela inclusão dos diferentes pontos de vista;
- Corresponsabilização pelo espaço compartilhado e pelas relações coletivas.

Quando a escola, como coletivo de profissionais da educação, alunos e famílias, tem espaços para refletir sobre a cultura de acolhimento e para examinar, num conjunto de práticas possíveis, aquelas que melhor dialogam com suas crianças e jovens e seus objetivos de ensino, ela se fortalece como espaço acolhedor, seguro e potente para sua comunidade, criando um clima propício para o desenvolvimento de múltiplas aprendizagens.

Princípios para a cultura de acolhimento

A cultura de acolhimento se traduz nas práticas de escuta, diálogo e convívio. Quando praticamos cotidianamente a escuta aberta, com percepção e entendimento de diferentes pontos de vista, explicitando que todas as posições contribuem para um propósito comum de aprendizagem, passa a se construir saberes com a inclusão das diferenças.



É um exercício de acolhimento na dimensão das ideias e dos posicionamentos que, na escola, alimenta nos alunos e nos professores um sentimento de pertencimento e de corresponsabilização.

Essas práticas, quando reiteradas no tempo, podem ser consideradas cultura. E a cultura do acolhimento tem se mostrado um caminho eficiente para a criação de soluções a partir dos elementos que cada escola dispõe e da participação e corresponsabilização de todos nesse processo, especialmente por estar baseada em três importantes princípios norteadores:

- Princípio Ético: implica uma atitude de reconhecer o outro como um legítimo outro, ou seja, de acolhê-lo em seus modos de vida, diferenças, crenças, etc. Requer consideração e respeito à diferença do outro: aqui a diferença é bem-vinda;
- Princípio Estético: se impõe, pois não há respostas prontas ou receitas sobre as ações no acolhimento. O acolhimento é considerado tecnologia essencialmente relacional e, portanto, para que ele aconteça são necessárias a invenção e a criação de estratégias nos encontros do dia a dia, para a dignificação da vida e do viver;
- Princípio Político: está colocado ao se considerar que o acolhimento se compromete com a construção de coletivos implicados com o “estar com”, com o “estar próximo de”, e com o fortalecimento do protagonismo

dos diferentes em suas diferenças. Para a efetivação dessa dimensão, deve-se operar a radicalização de estratégias participativas. Por sua vez, a criação de estratégias participativas impõe a reorganização dos processos de trabalho, no sentido da descentralização e do compartilhamento das informações e decisões (gestão democrática).²


A busca pela implementação de uma *cultura de acolhimento* pressupõe que tanto a gestão escolar, em sua tarefa junto à equipe de profissionais da escola, quanto o coletivo de professores, em seu fazer junto aos alunos, repense e inclua novas práticas em suas rotinas de trabalho que tenham por base esses princípios norteadores.

Ferramentas para uma cultura de acolhimento nas escolas

Quando se tem como objetivo desenvolver uma cultura escolar de acolhimento, tem-se pela frente um percurso formativo que só é possível pela construção de sentidos compartilhados entre o grupo de educadores da escola e seus alunos, ou, no caso da formação continuada Vivescer-Consed, entre formadores e cursistas.

Não se trata de uma formação que possa ser feita na lógica da transmissão de conhecimentos. É uma formação que se dá na relação com o outro, a partir da escuta do outro e do comprometimento com o espaço coletivo e com os problemas reais das escolas. Portanto, é importante estar atento a algumas questões:

² BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Acolhimento nas práticas de produção de saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – 2. ed. 5. reimp. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. 44 p.: il. color. – (Série B. Textos Básicos de Saúde)

- 
- O que emerge na relação entre os cursistas? E entre cursistas e formadores?
 - Como construir sentidos juntos?
 - Como congregar o que é comum entre todos?
 - Quais são os espaços de escuta e de participação?

Nesse sentido, a formação se valeu de duas importantes ferramentas:

- 1.** A homologia dos processos é uma estratégia de formação em que se vivencia, no decorrer da formação, os mesmos processos, princípios e valores que são foco da formação. Ou seja, os formadores modelizam aquilo que é a própria essência da formação. No caso da formação Vivescer Consed, foi modelizada a escuta sensível e empática e a construção de espaços de pertencimento para todos;
- 2.** Comunidades de aprendizagem/comunidades de prática são uma perspectiva de formação marcada pelo engajamento mútuo, pelo senso de pertencimento coletivo. Esse engajamento é possibilitado por estratégias formativas que favorecem a participação, com espaços de fala e escuta; e mobilizado em torno da resolução de problemas comuns – no caso dessa formação, o desenvolvimento de estratégias para apoiar a construção de percursos locais e contextualizados para o fortalecimento de uma cultura de acolhimento e bem-estar.


Vivescer-Consed: marcos de um percurso formativo

O ano de 2020 certamente ficará para sempre marcado na história. A pandemia de Covid-19 provocou o mundo inteiro a tomar decisões que pudessem ajudar na contenção da propagação do novo vírus em circulação. Uma das decisões mais difíceis, certamente, foi a do fechamento das escolas.

Foi no período inicial, marcado por tantas incertezas em relação ao vírus e suas consequências, que o Instituto Península promoveu a pesquisa “Sentimentos e percepção dos professores nos diferentes estágios do coronavírus no Brasil”, cuja primeira etapa foi realizada já no primeiro mês de fechamento das escolas brasileiras. Seus resultados confirmaram a percepção do Consed de que os educadores brasileiros precisavam de apoio para lidar com os inúmeros desafios impostos pela pandemia.

Identificando o potencial da Vivescer em apoiar os educadores em um momento tão sensível e complexo, o Consed convidou o Instituto Península para oferecer seu programa de formação no formato on-line.

A parceria firmada entre as organizações permitiu disponibilizar para todas as redes públicas estaduais do país quatro cursos autoinstrucionais que apoiavam e colaboravam para o desenvolvimento de educadores em múltiplas dimensões: Mente, Emoções, Corpo e Propósito. Na etapa inicial, vinte e quatro secretarias estaduais aderiram ao projeto, disponibilizando e incentivando a realização dos cursos pelos professores de suas redes.



Nesse processo, diferentes soluções foram encontradas pelas equipes estaduais para estimular a adesão de seus professores à formação da Vivescer, com o foco na reflexão e no estímulo pela busca de caminhos pessoais para responder aos desafios que cada um estava enfrentando.

Três diferentes soluções encontradas por algumas dessas redes se destacaram nesse momento inicial da parceria – e o aprofundamento dessas estratégias também pode ser conferido nos próximos capítulos desta publicação:

No Amapá, a secretaria de educação convidou seus professores, nos dias anteriores à volta às aulas, a cursarem, simultaneamente e dentro da Plataforma Vivescer, a Jornada Emoções. Essa abordagem permitiu trocas muito ricas entre os professores de cada escola, já que todos realizaram, ao mesmo tempo, um mesmo percurso formativo, o que os fortaleceu para a retomada das aulas presenciais, em um momento de, ainda, muito medo entre as pessoas;

No Mato Grosso, a secretaria de educação fez uma ampla divulgação dos cursos e atividades da Plataforma Vivescer para a base de dados dos professores da rede, contando com o apoio da equipe de comunicação da Vivescer. Com isso, professores das mais diferentes localidades do estado tiveram acesso aos cursos, trocando ideais sobre educação e desenvolvimento integral em todo o estado por meio da plataforma;

No Tocantins, a secretaria de educação fez uma parceria com universidades locais para diálogos sobre os temas dos cursos oferecidos pela Vivescer, fortalecendo uma reflexão que se alimentava, simultaneamente, da prática nas escolas, da teoria na universidade e das propostas de desenvolvimento integral apresentadas na plataforma.

Acolhimento para a retomada

O cenário de medo, preocupação, ansiedade e sofrimento diante de uma realidade de incertezas e lutos mapeado nos contatos com os professores, pedia, com urgência, caminhos e reflexões para o acolhimento dos educadores e dos estudantes das unidades escolares. Os estados estavam diante da retomada de parte das atividades presenciais de ensino, ainda incerta em muitas das redes estaduais.

Nesse sentido, a parceria Vivescer-Consed, ainda em 2020, lançou sua primeira turma de um programa de formação de multiplicadores, baseado no documento de Orientações ao Acolhimento de Educadores produzido pelo Instituto Península. O novo programa formativo tinha como objetivo instrumentalizar técnicos das Secretarias Estaduais de Educação para a formação dos gestores escolares, no âmbito do acolhimento de seus professores e das equipes de apoio no retorno presencial às escolas.

A primeira turma contou com a participação de 12 equipes estaduais e ocorreu de forma síncrona e remota, por meio de plataforma on-line.

Nesse programa formativo, discutiu-se a necessidade de se reinventar a escola, fazendo dela um espaço acolhedor, de pertencimento e bem-estar para todos. No coletivo de multiplicadores e formadores, analisou-se como a construção e comprometimento com uma cultura de acolhimento nas escolas atua como catalisador dessa reinvenção, uma vez que se pauta na escuta das necessidades locais, dos sonhos, medos e desejos de educadores, alunos, e toda a comunidade escolar. Discutiu-se também os caminhos para a construção de redes internas e externas que pudessem apoiar essa reinvenção da escola.




Fortalecimento dos vínculos e dos multiplicadores

Já o ano de 2021 foi marcado pelo fortalecimento dos vínculos com as redes parceiras e a proposta e o compromisso de dar maior escala para o programa de formação de multiplicadores.

Dado o sucesso do programa entre os cursistas do ano anterior, foram criadas equipes estaduais de multiplicadores para participarem de uma nova formação com o foco na ampliação da rede. Essa formação visava dar ferramentas para que, de maneira autoral, institucionalizada e qualificada, esses profissionais formados pudessem fazer chegar às unidades escolares as temáticas propostas, a partir da personalização do conteúdo e das dinâmicas vivenciadas ao longo do curso.

Esse grupo de 140 multiplicadores (10 representantes de cada uma das 14 redes estaduais de ensino participantes), esteve presente, durante o segundo semestre do ano, no Programa de Formação de Multiplicadores Vivescer-Consed. Todas as equipes de multiplicadores formadas tiveram como ponto comum o comprometimento com um ideal de qualidade e integralidade da educação e com a necessidade de apoiar a criação de contextos de acolhimento e reflexão educativa, especialmente frente aos desafios que o contexto pandêmico trouxe para as escolas brasileiras.

Os participantes da turma anterior apontavam o conteúdo como extremamente relevante para suas atuações profissionais, mostravam-se muito satisfeitos quanto ao conteúdo, mas ainda tinham dúvidas e inseguranças quanto à adaptação dos princípios norteadores do acolhimento, como cultura, às suas realidades locais. Esse desafio levou a Vivescer a implementar a estratégia das mentorias mensais com cada equipe estadual como um dos principais dispositivos formativos do novo programa.



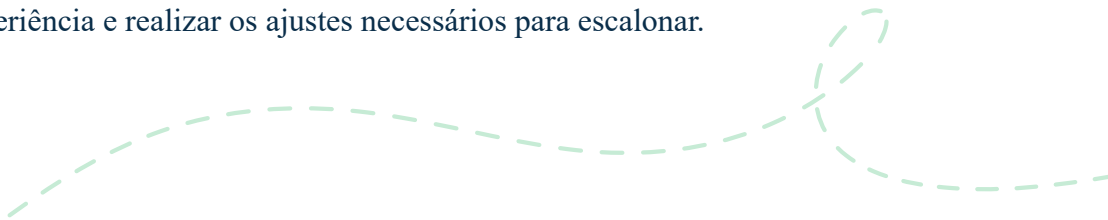
As mentorias, conduzidas de maneira remota pela equipe de formadores da Vivescer, tinham como objetivo estimular a autonomia das equipes estaduais, bem como apoiar os profissionais que as compunham em seu desenvolvimento como formadores de outros profissionais da educação (outros formadores da rede, gestores escolares e/ou professores) na temática da cultura de acolhimento. Essa mentoria acontecia tanto por meio do esclarecimento e aprofundamento dos conteúdos trabalhados ao longo do programa, quanto na construção do desenho formativo da multiplicação que seria executada por eles, a partir de ferramentas de facilitação integral.

Os encontros de formação que reuniam os multiplicadores de todas as redes participantes do programa eram realizados quinzenalmente, de maneira síncrona e remota, e trabalhavam os princípios e práticas do acolhimento como cultura escolar, fortalecendo e estimulando as trocas de aprendizados entre redes estaduais.

Em paralelo a isso, as mentorias davam apoio para que cada rede desenvolvesse planos próprios de multiplicação da proposta, a partir de suas realidades e complexidades locais, o que resultou, além da construção de planos autorais, na solidificação de um vínculo potente entre a Vivescer e as redes participantes do programa.

Trocas e aprendizados das e entre redes

A possibilidade de personalização da multiplicação, adequando desenho formativo, público e quantidade de conteúdo às realidades de cada rede, revelaram diferentes formas de apropriação da proposta pelas redes. No Tocantins, Amapá e Mato Grosso do Sul, por exemplo, as equipes optaram por começar pequeno, realizando um “piloto” com uma ou duas escolas, para então colher os aprendizados da experiência e realizar os ajustes necessários para escalonar.





Já as equipes do Rio de Janeiro e Espírito Santo realizaram a formação de outras equipes formadoras da secretaria, a fim de ampliar o número de multiplicadores da temática do acolhimento como cultura escolar. Minas Gerais optou por construir um curso de Educação a Distância (EaD) via Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores, voltado à formação de coordenadores escolares.


Outras redes, a partir da formação da Vivescer, optaram por construir soluções sobre o tema que dialogassem com programas formativos que já estavam em andamento nos estados, como foi o caso do Maranhão, com o programa Emaranhando Vidas, Santa Catarina, com as formações do Novo Ensino Médio, e Pernambuco, com os Mapas Afetivos.

Houve, ainda, a experiência da rede de Sergipe que procurou propor soluções baseadas em uma cultura de acolhimento no nível de novas políticas públicas. Algumas dessas propostas foram desenhadas pelas equipes em 2021 para serem colocadas em prática em 2022, a partir do planejamento anual das formações nas redes.

Os resultados colhidos pelo programa em 2021 trouxeram a certeza de que as aprendizagens são mais potentes quando há trocas e diálogos entre as diversas equipes estaduais e, portanto, a formação de 2022 foi estruturada nos moldes de uma grande comunidade de práticas em torno da temática do acolhimento como cultura escolar.

Ao longo dos encontros formativos, avançou-se também na construção de práticas e ferramentas de acolhimento que pudessem ser utilizadas agora não mais por gestores mas por professores, junto de seus alunos, nas salas de aula. Esse conjunto de propostas e soluções, bem como a base teórica sobre a cultura de acolhimento,

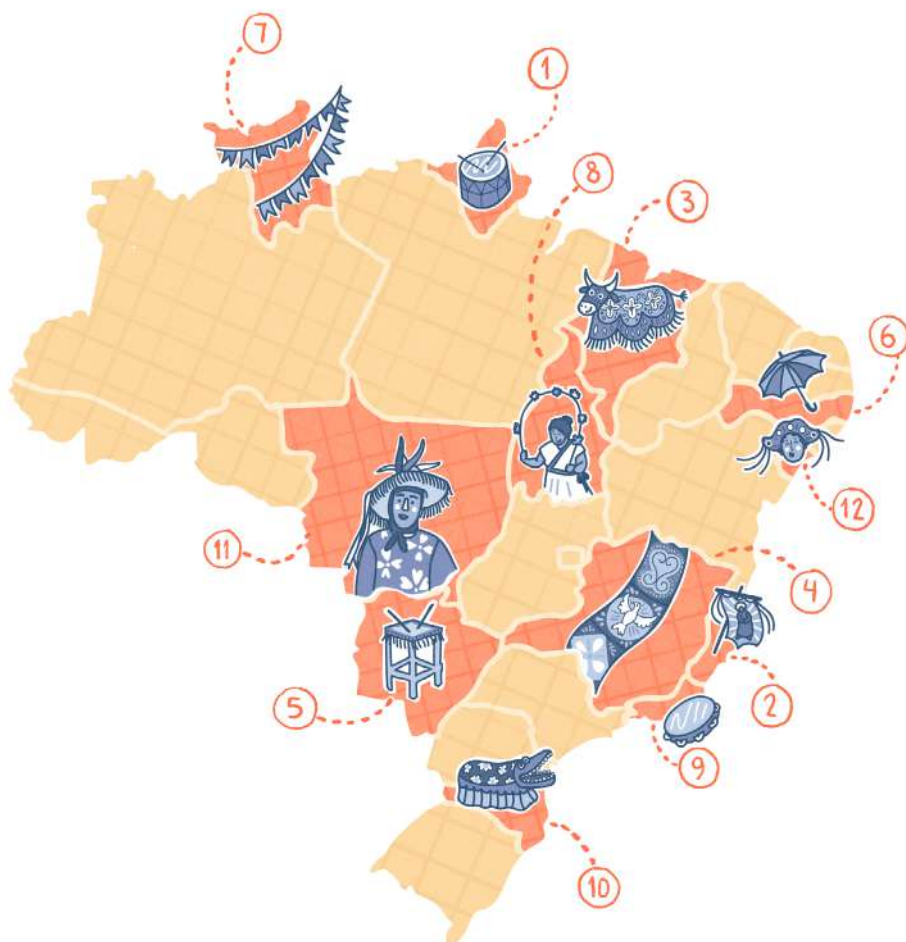




foram integradas a um curso on-line lançado, em junho de 2022, na plataforma Vivescer. O curso Acolhimento e Bem-Estar na Sala de Aula (disponível em: <https://vivescer.org.br/jornadas/acolhimento-bem-estar/>) foi disponibilizado para que as equipes estaduais o utilizassem como material de apoio para a multiplicação em seus contextos locais.

Além desse curso e dialogando com ele, a formação também gerou uma publicação no Banco de Práticas da Plataforma Vivescer (disponível em: <https://vivescer.org.br/boas-praticas/formacao-em-acolhimento-coordenador/>) com o foco no coordenador pedagógico e/ou formador, que traz propostas para a formação dos educadores da escola a partir da disponibilização de um conjunto de dinâmicas e vivências, em diferentes formatos (presencial, síncrono e assíncrono), que apoiam a construção de caminhos para o fortalecimento da cultura de acolhimento no ambiente escolar.

Redes estaduais participantes dos programas formativos em Cultura de Acolhimento e desdobramentos locais à partir das formações



- ① AP - projeto piloto: formação de gestores em Acolhimento em 1 escola
- ② ES - 2 encontros formativos para profissionais do APOIE - Ação Psicossocial e Orientação Interativa Escolar, composto por 22 profissionais das áreas da psicologia, assistência social e pedagogia.
- ③ MA - oferta do curso de Acolhimento para toda a rede
- ④ MG - criação de EaD para coordenadores escolares, via Escola de Formação, sobre a Cultura de Acolhimento;
MG - oferta do curso de Acolhimento para toda a rede
- ⑤ MS - projeto piloto: formação de gestores em Acolhimento em 2 escolas da rede
MS - oferta para toda a rede em parceria com a Coordenadoria de Psicologia Educacional
- ⑥ PE - criação e execução da formação Mapa Afetivo para as 16 gerências regionais do estado (15 profissionais por GRE)
PE - oferta do curso de Acolhimento para toda a rede
- ⑦ RR - projeto piloto: formação de 60 professores em Acolhimento e Bem-Estar na Sala de Aula, mesclando curso de Acolhimento da Vivercer e momentos presenciais dados pelos multiplicadores da equipe de RR
- ⑧ TO - projeto piloto: 3 encontros formativos sobre Cultura de Acolhimento com toda a equipe de 1 escola
TO - 1 encontro formativo sobre Cultura de Acolhimento com psicólogos escolares e assistentes sociais
- ⑨ RJ - encontros formativos sobre Cultura de Acolhimento com formadores da escola de formação Paulo Freire
- ⑩ SC - 1 workshop com gestores das escolas do Novo Ensino Médio
- ⑪ MT - oferta do curso de Acolhimento para toda a rede
- ⑫ SE - elaboração e divulgação do Guia para o Acolhimento como Diretriz para a Humanização da Educação

V/P vi V/P



Parte
02

Experiência das
Equipes Estaduais:

**A sensibilidade para o
contexto e as metas
locais, na construção
dos melhores caminhos**

Acolhimento e bem-estar na prática

No primeiro capítulo dessa publicação uma pergunta foi feita: quais práticas podem dar conta da demanda do cuidado com o bem-estar dos professores? Os relatos das experiências dos estados, que foram apresentados nos capítulos seguintes, trazem importantes subsídios de como esse caminho pode ser trilhado na prática.

Um ponto comum entre os relatos, como seria inevitável, foi o fato de que a pandemia escancarou a necessidade de se cuidar mais do bem-estar dos professores e do acolhimento como ferramenta importante não apenas para a retomada das aulas presenciais, mas também para ser incorporada na rotina das escolas.

O isolamento social e a necessidade de se reinventar para o ensino remoto, impactou diretamente a rotina dos atores da escola, e os professores se viram diante de desafios diferentes dos que já estavam acostumados e, além disso, foram bastante impactados pelo cenário. Muitas vezes, eles mesmos estavam em luto por algum ente querido.

Muitos recorreram às formações on-line – em alguns relatos, até mesmo os mais resistentes ao formato acabaram se conectando – e os cursos da Vivescer se destacaram pelas temáticas diferentes das usuais ligadas a conteúdos mais específicos, em busca de ferramentas de autocuidado e que pudessem também usar com seus alunos em um momento de tantas inseguranças.

Entre os relatos, foi comum citarem que o tema do acolhimento sempre esteve mais presente em períodos de recomeços, como inícios de semestre, mas não no dia a dia, com o olhar mais atento para a temática, tanto dos professores em relação aos alunos, quanto, especialmente, da gestão escolar em relação aos



professores. Alguns disseram que as formações, as conversas e as atividades geradas a partir delas deixaram ainda mais clara a necessidade de se sentir acolhido para poder acolher.

Em muitos dos estados, a Vivescer se somou a esforços que já estavam sendo encaminhados pelas secretarias, mas com o diferencial de trazer mais embasamento e ferramentas práticas, tanto para o necessário acolhimento dos professores nos períodos de aulas remotas e retomada presencial, quanto para que os próprios professores passassem a incorporar essas práticas como apoio à resolução de conflitos cotidianos e novos conflitos advindos do desafiador período.

Rodas de conversa, por exemplo, parecem ter se tornado mais frequentes e têm se mostrado eficientes para disparar diálogos importantes entre professores e educandos em diversos estados. Uma prática que proporciona mais espaços de escuta e de troca, buscando juntos as melhores soluções para determinados desafios.

A possibilidade do maior envolvimento de outros atores da escola nesse processo também apareceu em alguns dos relatos, como um porteiro que conhece a todos e uma merendeira que tem diálogo aberto com os alunos. Nesse sentido, a formação de uma rede de acolhimento apresenta-se como um caminho para se criar um ambiente de bem-estar, segurança e confiança dentro da escola.

Outro ponto de destaque entre os relatos foi a formação dos multiplicadores, uma etapa bastante relevante para a disseminação das formações para um número maior de educadores, mas de maneira mais personalizada. Apesar dos cursos de acolhimento e bem-estar estarem disponibilizados para todos que acessassem a plataforma desde o princípio, esse olhar para os multiplicadores, para que eles assumissem esse papel de levar os conteúdos para os educadores, de maneira mais regionalizada, de acordo com demandas e particularidades já mapeadas, mostrou-se essencial para a continuidade do projeto.



Já entre os principais desafios apontados em alguns dos relatos para que os temas do bem-estar e do acolhimento sigam presentes e com sua devida relevância nas redes de ensino, estão: equipes enxutas tanto nas secretarias quanto nas escolas e, muitas vezes, sobrecarregadas; atual foco na recomposição da aprendizagem no período pós-pandemia; particularidades das escolas de uma mesma rede; e grandes distâncias entre os municípios, que dificultam o engajamento em algumas temáticas.

Amapá

CAPÍTULO

04



Secretária

Maria Goreth Sousa e Sousa



Área responsável do projeto na SEE

Centro de Valorização da Educação - Cveduc

Titular da área

Patrícia Barreto

Ponto de Contato Consed

Yassara Dias - Professora/ Técnica Pedagógica Nase e Equipe de Prevenção

Área/ Pessoas Envolvidas

Roseli Oliveira - Psicóloga/Técnica Pedagógica Nase e Equipe de Prevenção

Lucivânia Mira - Professora/Técnica Pedagógica Nase e Equipe de Prevenção

Yassara Dias - Professora/ Técnica Pedagógica Nase e Equipe de Prevenção

Clodomir Falcão - Professor e Assessor Técnico de Atendimento à Saúde

Deiziane Silva - Chefe da Unidade de Atendimento Oftalmológico/Nase

Adriano Pantaleão - Professor/Atendimento Especializado e Equipe de Prevenção

Eliane - Pedagoga/Atendimento Especializado e Equipe de Prevenção



Angela - Professora/Atendimento Especializado e Equipe de Prevenção

Giancarlo Prado - Psicólogo/Atendimento Especializado e Equipe de Prevenção

Entrevistados para o relato

Yassara Dias - Professora/ Técnica Pedagógica Nase e Equipe de Prevenção

Clodomir Falcão - Professor e Assessor Técnico de Atendimento à Saúde




Palestras, oficinas e rodas de conversas relacionados à saúde e a valorização da vida, estão entre as atividades realizadas pelo NASE (Núcleo de Atendimento à Saúde do Educando) da Secretaria de Educação do Estado (SEED) do Amapá. O que antes era um trabalho voltado apenas para os alunos, depois de um tempo percebeu-se a necessidade de expandi-lo para toda a escola. Dessa forma, o núcleo passou a atender professores e toda a gestão escolar da rede pública estadual de Educação e, desde 2020, contando com o apoio das formações da Vivescer.

O estado do Amapá tem 583.166 alunos matriculados em 1.331 escolas, de acordo com dados do Censo da Educação Básica 2021. Desse total, cerca de 211.733 estão matriculados nas 495 escolas da rede estadual, escolas que oferecem principalmente os anos finais do ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estado tem 3,9 pontos no Índice de Educação Básica (Ideb) dos anos finais e 3,1 no ensino médio.

A técnica pedagógica do NASE e da equipe de prevenção, Yassara Dias, explica que o Amapá é um estado com diversas comunidades ribeirinhas e indígenas, com acesso feito apenas de barco, e que o núcleo de atendimento não tem estrutura para se deslocar.

“Há várias realidades dentro do estado, infelizmente nem sempre a gente consegue chegar a todos. Geralmente atendemos Macapá, o município de Santana e o Mazagão, que são municípios próximos. Os demais municípios só conseguimos remotamente, um dos benefícios da pandemia, que permitiu nos aproximarmos mais dessas comunidades”, pontua.

Todo o atendimento junto às escolas é realizado por meio de solicitação da escola. Mas, antes dessa solicitação, há um trabalho anterior em que o núcleo vai até as escolas para apresentar e oferecer as atividades e sugerir que sejam incluídas no calendário escolar.



“Nós elaboramos oficinas e rodas de conversas para que os educandos possam interagir entre si, trocar experiências, mecanismos pedagógicos e, a partir disso, se ajudar mutuamente naquela temática abordada na atividade”, diz Clodomir Falcão, assessor técnico de atendimento à saúde.

Apoio emocional a educadores durante isolamento na pandemia

Desde 2020, a equipe multidisciplinar do Centro de Valorização da Educação (Cveduc) participa das ações de formação da Vivescer. A equipe é formada por dois setores responsáveis pela prevenção e apoio nas escolas, o NASE e o Setor de Atendimento Especializado, sendo que a equipe de prevenção é a que trabalha na linha de frente do acolhimento dentro das escolas, por isso, pensou-se em, inicialmente, capacitar esses profissionais. “A capacitação chegou para nos dar um acalanto, porque estava todo mundo sem saber o que fazer, todo mundo no trabalho remoto”, relembra Yassara.

A Vivescer disponibilizou, por meio de sua plataforma digital, atividades e cursos para a rede de professores do Amapá, para que educadores tivessem acesso a ferramentas de apoio socioemocional e jornadas de aprendizagem com foco no autocuidado, autoconhecimento e nas mudanças nas práticas da educação. Além dos cursos, foram realizados encontros virtuais formativos ao vivo de imersão para preparar gestores, diretores, secretários, coordenadores pedagógicos e professores para o retorno às aulas presenciais e orientações de como enfrentar as questões sociais e emocionais no período.

O primeiro encontro aconteceu no mês de julho de 2020, com uma transmissão on-line realizada pela Vivescer sobre o “Desenvolvimento de competências socioemocionais em época de pandemia”. Já os demais, realizados em agosto,



organizados pela Secretaria de Estado da Educação do Amapá, ofereceram dois dias de imersão para abordar os temas “O Poder da Empatia” e “Jornada Emoções: Percurso 1 - Experiências emocionais”.


Já em junho de 2021, foram realizados encontros com chefes de unidades e núcleos da Secretaria de Estado da Educação e, em seguida, com gestores e coordenadores pedagógicos das escolas da rede estadual. Nesses encontros, foi possível chegar nos lugares mais distantes do estado, como em escolas em aldeias indígenas, ribeirinhas e as muito distantes da capital.

De acordo com Yassara, cada escola é diferente e tem a sua particularidade. A formação da Vivescer veio somar com o que já faziam e melhorou a visão sobre o acolhimento. “Nos fez entender que a escola precisa respirar o acolhimento, tem que se preparar e criar uma certa independência para que possa proporcionar esse acolhimento de qualidade para a sua própria comunidade escolar”, afirma.

Para Clodomir, a Vivescer ajudou a ampliar o olhar para o acolhimento para além de ser praticado apenas em momentos pontuais. “Os educandos nas suas particularidades e singularidades precisam receber esse acolhimento. A realidade deles é bem maior do que simplesmente estar no ambiente da sala de aula”, pondera.

Espaço de escuta e de acolhimento

A necessidade de se ter esse espaço de escuta dentro da escola tanto para alunos quanto para os professores é algo comum de todas as escolas, de acordo com Yassara. “Esse espaço deve ser permanente dentro da escola. As pessoas precisam estar abertas e preparadas para isso. Porque não adianta falarmos da importância do acolhimento se a gestão não estiver preparada para acolher”, ressalta.



A Secretaria tem espaço de atendimento psicológico para estudantes e funcionários da rede estadual. A equipe trabalha com toda a escola, procurando atender a todas as turmas para que todos falem a mesma linguagem. E para os alunos com necessidade de atendimento urgente é conversado com a direção da escola para esse encaminhamento. Além disso, há também as redes de apoio nas unidades de pronto-atendimento e nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS).

“Infelizmente a nossa equipe é pequena e não consegue atender a rede como um todo ainda. Mas a prática de rodas de conversa apresenta resultados significativos. Por meio delas, ao abrir espaço para os alunos, conseguimos identificar a necessidade de encaminhamentos e, em muitos casos, conseguimos fazer esse atendimento rapidamente. Mas, no geral, infelizmente, a nossa equipe ainda é chamada quando o problema já está instalado”, comenta Yassara.

Há casos de escolas parceiras que adotaram o acolhimento no calendário escolar ou que, após as atividades de formação, já relatam ter percebido uma mudança significativa no comportamento dos educandos. Yassara deu o exemplo de uma escola na qual identificaram alguns problemas que demandavam encaminhamento especializado, mas que após um tempo da prática de rodas de conversa com os educandos, observaram que os alunos passaram a se apoiar mais e que as ocorrências registradas a partir dali eram bem pontuais e específicas, como as de alunos que chegavam sem uniforme.

Outro ponto levantado é o fato de que os estudantes recebem muito conteúdo no dia a dia, mas que usualmente não têm suporte para as questões emocionais. “Nesse sentido, as oficina de valorização à vida sempre têm um resultado muito positivo com os meninos e as meninas”, declara Yassara.

Aprendizados e caminhos na prática

O trabalho construído junto com a Vivescer contribuiu ao trazer orientações de como a escola pode lidar, especialmente, com as situações que exigem atendimento. Um dos aprendizados com a experiência nos últimos anos é de que, com as formações, as escolas têm conseguido mais independência da secretaria de educação para atender de forma mais rápida as demandas que podem ser resolvidas com os princípios de acolhimento.

Yassara ressalta que, além dos professores, é preciso disseminar esses conceitos entre merendeiros e pessoal do apoio também. “A tia da portaria conhece todos os alunos, então a gente precisa desmistificar alguns assuntos com ela também, para que todos tenham esse olhar cuidadoso do acolhimento, para apoiar na identificação de situações que demandem algum trabalho mais específico”, destaca.

Segundo Yassara, a Vivescer traz uma visão prática de que o acolhimento transforma e faz com que se possa evitar problemas futuros. “Uma escola acolhedora é uma escola que vai render muito mais, vai ter uma outra realidade”, acredita.

O assessor Clodomir complementa que o acolhimento traz bem-estar coletivo à comunidade escolar. “Alunos, professores e servidores em geral se acolhendo, se auxiliam em suas atividades cotidianas. E esse auxílio, essa troca, traz melhorias para toda a comunidade escolar”.

Durante a pandemia, mesmo que só pudessem realizar os encontros sobre acolhimento remotamente, Yassara acredita que conseguiram chegar às pessoas e acolhê-las. “Conseguimos tocar naquelas pessoas e, de alguma maneira, mudar a visão sobre o assunto. Tenho muita admiração por esse trabalho e acredito muito no que nós desenvolvemos, que é feito com muito amor”, avalia Yassara.

Para o próximo ano, o Nase pretende seguir com o projeto desenvolvido junto com a equipe da Vivescer, buscando tornar o acolhimento primordial na prática escolar na rede.

Segundo Yassara, o desafio é fazer com que toda a comunidade e os órgãos competentes e responsáveis pela educação enxerguem a importância desse projeto. “Nossa expectativa é de que o acolhimento não seja visto apenas como mais um trabalho a ser desenvolvido pela escola. Mas sim, que seja percebido como uma ferramenta para auxiliar nas demandas escolares”, complementa.

Pactuações das rodas de acolhimento

Entre os materiais utilizados pelo SEED do Amapá, feitos a partir dos materiais formativos da Vivescer, está um “Plano de retomada das atividades presenciais – orientações para o acolhimento”.

Neste material, há sugestões das pactuações sobre as rodas de acolhimento. “Baseada nos três princípios do acolhimento, a roda é organizada para incluir. São três inclusões: a dos sujeitos; a dos conflitos; e a dos coletivos”, afirma o material. E as pactuações elencadas são:

- Deve-se pactuar o sigilo;
- Deve ser dada a oportunidade de fala para todos;
- O (a) mediador (a), pode, e deve, intervir a qualquer momento;
- Não se pode desqualificar qualquer fala;
- Os assuntos/incômodos levados para a Roda só voltarão a ser mencionados na próxima Roda;
- Não se traz para a Roda um assunto (ou nome) referente a uma pessoa que está ausente nesta oportunidade;;
- Deve-se firmar compromissos.

CAPÍTULO

05

Espírito Santo



Secretário

Vitor de Angelo

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação



Área responsável do projeto na SEE

Cefope/Apoie

Titular da área

Ana Janete Viana Souza (Cefope)

Priscila Maria do Nascimento Pereira (Apoie)

Ponto de Contato Consed

Ana Janete Viana Souza | Wagner Fernandes Fogos

Área/ Pessoas Envolvidas

Equipe do Centro de Formação dos Profissionais da Educação do ES (Cefope)

Ana Janete Viana Souza

Amanda Dasilio

Leonardo Cruz de Andrade

Wagner Fernandes Fogos

Michel Dal Col Costa

Valdirene De Carvalho Rubin

Ação Psicossocial e Orientação Interativa Escolar (Apoie)



Amanda Stafanato Verediano

Priscila Maria do Nascimento Pereira

Mislene Santos de Souza

Entrevistados para o relato

Priscila Maria do Nascimento Pereira - Psicóloga e gerente da Ação Psicossocial e Orientação Interativa Escolar (Apoie)



Em novembro de 2019, a Secretaria de Estado de Educação (Sedu) do Espírito Santo, por meio da Portaria nº108-R, instituiu, na rede pública estadual de educação, o projeto Ação Psicossocial e Orientação Interativa Escolar (Apoie). A proposta era desenvolver ações que contribuíssem para o desenvolvimento intelectual, emocional e social dos estudantes da rede e que colaborassem para o bem-estar no ambiente escolar.

O estado tem 791.815 alunos matriculados em 2.682 escolas, de acordo com dados do Censo da Educação Básica 2021. Desse total, cerca de 250.980 estão matriculados nas 435 escolas da rede estadual, escolas que oferecem principalmente os anos finais do ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estado tem 4,8 pontos no Índice de Educação Básica (Ideb) dos anos finais e 4,4 no ensino médio.

A psicóloga Priscila Maria do Nascimento Pereira, coordenadora da Apoie, conta que, antes da instituição do projeto, a Secretaria de Estado de Educação não tinha nenhum psicólogo atuando nas questões voltadas para a aprendizagem e nas suas demandas psicossociais nas escolas. Mas, hoje, a equipe conta com um psicólogo e um assistente social em cada uma das 11 Superintendências Regionais de Educação, além da coordenação na unidade central.

“O núcleo nasceu dessa ideia de olhar para as questões que aparecem na escola, como denúncias de violência e comportamentos agressivos relacionados a questões como machismo, racismo, homofobia, que são formas de opressão que acabam não fazendo da escola um espaço de verdade para todos”, explica a psicóloga.

De acordo com Priscila, ainda está em andamento o cumprimento da lei em toda a rede. “São apenas 29 profissionais para atender mais de 400 escolas. Mas está sendo importante sermos poucos ainda, pois temos tomado muito cuidado com a metodologia desse trabalho, de construir algo que esteja realmente conectado

com o que a escola precisa e não uma política pública distante da realidade”, pondera a coordenadora.



O trabalho desenvolvido pela equipe é de prevenção e de promoção de fóruns com a comunidade escolar sobre temas como combate ao bullying, ao trabalho infantil e à exploração sexual infantil, e outros como os de gênero, prevenção ao suicídio, entre outros que estão na realidade da escola. Também há situações em que a escola aciona a Apoie para casos individuais de acolhimento de um aluno ou uma família.

Formações sobre o acolhimento durante e pós-pandemia de Covid-19

Desde 2020, a Secretaria de Estado de Educação também firmou parceria com a Vivescer para fortalecer o trabalho da Apoie. Os profissionais de educação da rede foram incentivados a realizar cursos de formação por meio da plataforma sobre os temas corpo, mente, emoção e propósito e a trocar ideias e compartilhar suas experiências em um espaço próprio para essa finalidade.

Entre 2021 e 2022, foi também realizada uma formação específica sobre acolhimento para nove técnicos da equipe da Secretaria de Educação, tanto da unidade central da Apoie quanto do Centro de Formação dos Profissionais da Educação (Cefope).

Uma outra ação realizada no âmbito da parceria com a Vivescer, comandada pela equipe da Apoie do município de Barra de São Francisco, foi a realização de um fórum sobre “Escuta Sensível como chave para o acolhimento”. Essa foi a terceira edição desse fórum que é promovido bimestralmente pelo setor de ação psicossocial com diretores, pedagogos, supervisores escolares e profissionais



referência das escolas estaduais da região. O encontro no âmbito da parceria teve o objetivo de dialogar sobre a importância do acolhimento e bem-estar no contexto escolar e contou com a participação de 47 profissionais.

“A gente tem como expectativa multiplicar o curso sobre acolhimento e bem-estar da Vivescer para todos os técnicos da Apoie e do Centro de Formação dos Profissionais da Educação (Cefope), para que eles possam ser multiplicadores para os profissionais das escolas”, explica Priscila.

Além das formações, o grupo Apoie publicou o e-book “Distantes, mas presentes: práticas que aproximam”. O material conta com relatos de experiências educativas durante a pandemia de Covid-19, de professores e professoras da rede estadual.

As práticas compartilhadas no livro reforçam a importância do acolhimento e foram desenvolvidas por educadores e estudantes nos municípios de Aracruz, Cachoeiro de Itapemirim, Cariacica, Castelo, Dolores do Rio Preto, Guaçuí, Itarana, Iúna, Laranja da Terra, Marataízes, Mantenedópolis, Montanha, São Mateus, Serra, Venda Nova do Imigrante, Viana, Vila Velha e Vitória.

Para apoiar a disseminação das práticas, o Instituto Península, no âmbito da Vivescer, viabilizou a impressão de 1.300 exemplares da publicação para distribuição.



Um novo olhar para o acolhimento no ambiente escolar

O acolhimento, a escuta ativa e as rodas de conversas são essenciais para o trabalho da Apoie. “São instrumentos fundamentais para essa nova perspectiva de educação que a gente vem trabalhando de um tempo para cá. Dessa visão mais integral do aluno, de perceber esse estudante para além do ensino e da aprendizagem, olhar as suas questões e fazer da escola um espaço de acolhimento”, enfatiza a coordenadora.

Ela reforça que a interface com toda a proposta da Vivescer vem nesse sentido, de passar para os profissionais da educação essa forma mais acolhedora de educar. “O que não é tão simples, porque a gente veio de uma escola muito autoritária, muito do depósito do conhecimento e não da troca. É uma mudança de cultura, por mais que possa parecer óbvio que tem de estar bem emocionalmente e acolhido para poder aprender, na prática, a gente vê que não é bem assim que acontece”.

A proposta da Secretaria capixaba é acolher e lidar com as questões socioemocionais que aparecem no espaço escolar. De acordo com Priscila, o trabalho é o de apoiar a escola a perceber qual é a responsabilidade dela também na produção do fracasso e como mudar esse cenário. “Temos percebido a importância de construir vínculos para fazer qualquer coisa. Esse é o maior desafio, pois não há como resolver problemas como num passe de mágica”.

A coordenadora comenta que, quando conversa com os técnicos, explica que, ao ir à escola, é como se fosse visitar a casa de alguém. Por isso, é importante pedir aos profissionais que apresentem a escola, perguntar qual o lugar que eles mais



gostam dali, desde quando trabalham lá, para assim ir desenvolvendo proximidade com essas pessoas. E destaca: “costumo falar que é preciso acolher quem acolhe”.

A perspectiva do acolhimento deve começar pela secretaria acolhendo os profissionais para que eles também se sintam acolhidos e sejam os multiplicadores desses conceitos na ponta. Rodas de conversa ajudam a tocar em temas como autoestima, a reconhecer sentimentos e emoções e identificar violências. E também ajuda a trabalhar outros assuntos transversais para que se possa escutar mais esses alunos e para que eles se sintam mais participantes da sua trajetória.

Multiplicação das formações sobre acolhimento

A Apoie atende apenas as escolas da rede estadual, mas as prefeituras estão começando a se movimentar para regulamentar leis municipais e contratando psicólogos e assistentes sociais para as escolas dos municípios. Além disso, por meio de uma parceria entre a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o Pacto pela Aprendizagem, programa de fomento à educação realizado pela Sedu do governo do Espírito Santo, a formação criada a partir da Vivescer também foi disponibilizada para os profissionais da rede municipal.

“A formação que a Apoie tem hoje foi fruto de uma criação conjunta com o Cefope, com o objetivo de multiplicar a formação da Vivescer. O Espírito Santo foi o estado que mais teve adesão tanto das escolas estaduais quanto das municipais. A recepção dessa formação e de seus materiais têm sido muito positiva”, comenta Priscila. Ela informa que, desde o início da parceria, já foram mais de 13 mil profissionais de educação da região acessando diretamente o material da plataforma.

A equipe da Apoie relata que se sentiu mais instrumentalizada a partir das formações, especialmente para a retomada das aulas presenciais, e

que disponibilizou em seu site o e-book “Orientação de acolhimento para professores”, do Instituto Península, como indicação complementar para os profissionais da rede, para o enfrentamento do período.

De acordo com Priscila, a perspectiva da formação da Vivescer propõe um desaceleramento no cotidiano. “No sentido de parar para refletir, de ouvir o outro, de trabalhar com os contextos, de pensar junto e não fazer as coisas no automático. De se conectar realmente com as pessoas, para conseguir promover esse acolhimento e bem-estar de maneira geral”, finaliza.

Conexão afetiva

O material do Instituto Península selecionado para ser disponibilizado no site da Apoie, aponta que o acolhimento dialogado conecta as pessoas de forma afetiva, respeitando:

- O reconhecimento do outro como um legítimo outro;
- O reconhecimento de cada um como insuficiente;
- O reconhecimento de que o sentido de uma situação é fabricado pelo conjunto dos saberes presentes.

Maranhão



Secretária

Leuzinete Pereira da Silva

Área responsável do projeto na SEE

Supervisão de Formação - Sufor

Titular da área

Elisabeth Gomes

Ponto de Contato Consed

Elisabeth Gomes - Supervisora projetos especiais

Área/ Pessoas Envolvidas

Elisabeth Gomes - Supervisão de Projetos Especiais

Simone Maria Gomes de Sousa Pereira - Gabinete da
Superintendência de Participação Social

Cristine Filgueiras Mascarenhas - Assessoria de Saude

Ana Maria Araujo Machado Maia - Assessoria de Saude

Ângela Maria da Silva Lopes - Assessoria de Saude

José de Arimatéa Vieira da Conceição - Assessoria de Saude



Bruna Aguiar - Assessoria de Saude

Raimundo Furtado da Costa Filho - Educador Físico - Assessoria
de Esporte

Entrevistados para o relato

Elisabeth Gomes - Supervisora de Projetos Especiais

José de Arimatéa Vieira da Conceição - Assessoria de Saúde



Saúde emocional é um tema que, desde 2018, vem sendo abordado pelo projeto “Emaranhando Vidas” da Secretaria do Estado da Educação (Seduc) do Maranhão. Esse olhar para o assunto se deu, especialmente, por conta dos dados levantados pela Superintendência de Projetos Especiais (Suproes) provocado pelo Fórum Permanente de Prevenção ao Suicídio e Valorização da Vida.

O levantamento, coletado nas 19 Unidades Regionais de Educação (URES), identificou 41 casos de suicídio, 62 casos de tentativas de suicídio e 124 casos de automutilação. O projeto visa a promoção e prevenção da saúde mental nas escolas, que com a pandemia de Covid-19, passou a ser ainda mais necessário e presente na realidade escolar.

O estado do Maranhão tem 1.254.949 alunos matriculados em 10.479 escolas, de acordo com dados do Censo da Educação Básica 2021. Desse total, cerca de 318 mil estão matriculados nas 1.058 escolas da rede estadual, escolas que oferecem principalmente os anos finais do ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estado tem 4,2 pontos no Índice de Educação Básica (Ideb) dos anos finais e 3,8 no ensino médio.

A Seduc está em todo o estado maranhense, e dentro da divisão geográfica há 217 municípios atendidos pelas 19 regionais de educação. Mas, pela própria situação geográfica, há uma ênfase na regional da Grande São Luís, em que é possível uma aproximação e acompanhamento maior, com concentração de escolas na unidade regional de São Luís, Paço do Lumiar, São José Ribamar, Alcântara e Raposa.

Segundo a supervisora de projetos especiais da Seduc, Elisabeth Gomes, no ano de 2020 toda a rede trabalhou no formato on-line e foi neste período que iniciaram as inscrições e o engajamento de professores, gestores, coordenadores e equipe



da secretaria para a formação da Vivescer. A partir de 2021, foram realizadas a segunda e a terceira etapas do projeto com a formação dos multiplicadores e as ações na prática presencialmente nas escolas.

“Percebemos, com a formação da Vivescer, a importância e a necessidade do acolhimento. Porque a percepção que a gente tinha de acolhimento era muito superficial. Era aquela coisa de início do ano, de acolhida, bater palminha para quem está chegando, botar os cartazes e fazer uma decoração de boas-vindas”, conta.

De acordo com ela, a equipe percebeu que o acolhimento está para além disso e precisa ser trabalhado diariamente onde quer que esteja, sem precisar ter um momento, uma disciplina ou um dia específico. “Ele precisa ser trabalhado e retrabalhado sempre”, completa.

Formação de multiplicadores fortalece acolhimento na escola

O desenvolvimento do projeto no estado contou com três etapas. A primeira foi iniciada em 2020, com a articulação da equipe de currículo para que todos os professores da rede da Seduc tivessem conhecimento das inscrições nos cursos da plataforma da Vivescer.

A segunda etapa, já em 2021, foi a de formação de 10 multiplicadores que faziam parte da equipe da secretaria adjunta de ensino e aprendizagem da Seduc. Os profissionais são da superintendência de participação social, com três supervisores da área de protagonismo juvenil, participação social e projetos especiais. Além de mais três assessorias nas áreas de saúde, esporte e cultura.



E a terceira etapa, a partir de 2022, se deu a partir das atividades realizadas presencialmente nas escolas, colocando em prática o que foi aprendido nas formações sobre acolhimento.

De acordo com a supervisora, a formação com os dez multiplicadores foi um diferencial, em que houve mais aproximação com o projeto e a oportunidade de entender melhor como seria conduzir, na prática, a cultura de acolhimento nas escolas. De agosto a dezembro de 2021, foram criadas estratégias e realizados oito encontros presenciais para discutir o conteúdo recebido pela Vivescer e fazer planejamento para que essa multiplicação acontecesse.

Um dos multiplicadores, José de Arimatéa Vieira da Conceição, assessor de Saúde da Seduc, reforça que a segunda etapa veio enriquecer e fortalecer as ações feitas pela equipe no âmbito do “Projeto Emaranhando Vidas”, que já trabalhava o acolhimento a partir de questões como depressão, bullying, drogas e as emoções das pessoas no ambiente escolar. A partir das formações da Vivescer, entenderam ser necessário que se torne uma prática constante, do cotidiano da escola.

“Com a Vivescer, nós passamos a trabalhar nas nossas atividades com mais eficiência e qualidade. Aprendemos sobre situações em que nenhum de nós tinha estudo aprofundado, mas hoje estamos mais preparados. Se for o caso de fazer uma palestra, uma roda de conversa, já fazemos com certo empoderamento”, revela Arimatéa.

Com a limitação de que a secretaria tem de ir constantemente a todas as regionais de educação pela quantidade e distância que existe, foi organizado um núcleo de trabalho. Hoje, em quase todas as regionais, há esse suporte direto para as escolas, como palestras, acompanhamento e orientação de modo geral sobre o tema.

Acolhimento na prática

Foram recebidos testemunhos de alunos, de professores e de gestores das escolas de que esse trabalho de acolhimento tem sido muito importante. Desta forma, a escola se sente mais preparada diante dos casos mais delicados e passa a compreender melhor como lidar com cada situação e com apoio da secretaria.

A supervisora Elisabeth conta que, no Setembro Amarelo de 2021, foi trabalhado o tema acolhimento e prevenção ao suicídio o mês inteiro, com as escolas. Foram realizadas rodas de conversa e diversas atividades com essa temática.

“Com esse trabalho, a gente percebeu o leque de possibilidades para se trabalhar esse tema. Nós planejamos as ações e iniciamos nossas formações como multiplicadores. Fizemos uma espécie de microaula, com reprodução das aulas do curso que tivemos da Vivescer”, explica.

Para essas formações dos multiplicadores, houve um primeiro momento de sensibilização e outro de organização de calendário para ir presencialmente em cada unidade regional. Foram feitas reuniões com os gestores regionais, os gestores escolares, com os coordenadores pedagógicos e equipes técnicas das unidades regionais. E foi neste momento que também foi lançado o curso na plataforma da Vivescer de acolhimento e bem-estar na sala de aula.

O que antes parecia ser um papel apenas de um profissional da área de psicologia, com a Vivescer foi possível mudar essa visão. Entendemos que esse processo de acolher é necessário e possível de ser feito pelos profissionais de educação. A formação apresenta estratégias e ferramentas que auxiliam os profissionais e oferecem condições para atender as demandas e dar suporte às escolas.

Aprendizados e caminhos futuros


As formações para os professores, mesmo com toda a articulação, ainda não chegou em toda a rede. E, segundo os multiplicadores, vai demandar mais um tempo. Há escolas muito distantes e com realidades e desafios distintos; por isso, estão sendo criadas estratégias formativas no formato presencial, híbrido e à distância. Os formadores relatam que o contato de professores procurando a Seduc para saber como fazer os cursos de acolhimento da Vivescer tem sido frequente.

O formato on-line é a maneira mais rápida para atingir o maior número de professores. Entretanto, as escolas no estado ainda têm muita dificuldade em relação à conectividade. Dessa maneira, muitos profissionais reclamam que não conseguem acesso ou têm alguma dificuldade que os impede de concluir o curso.

“Não é fácil chegar a todos os municípios e a todas as escolas, a gente vem fazendo o possível, mas, talvez, a melhor estratégia para avançar seja fortalecer mais a equipe multidisciplinar nas regionais”, diz Arimatéa.

De acordo com o que vem sendo acompanhado nos espaços escolares, percebe-se que, na faixa etária de 14 a 18 anos, a demanda do acolhimento tem sido maior, mas, mesmo assim, é algo geral que tem sido necessário expandir para os professores e familiares, que, muitas vezes, não sabem lidar com as questões emocionais e as demandas específicas da adolescência e juventude.

“Acontece de pais e até mesmo de professores não terem essa devida compreensão – ou formação para lidar – e terminarem achando que esse problema emocional do aluno é frescura e até falta de Deus. Então, o momento da escuta na roda de conversa é justamente o ponto central, em que o jovem se aproxima mais e



se sente à vontade para contar determinada situação. Essas ações da Vivescer somaram muito com as nossas necessidades não só no espaço da escola, mas também da comunidade”, complementa o assessor de saúde.

Elisabeth também pontua que o acolhimento muitas vezes tem algumas implicações, como a necessidade de mais entrega dos professores e gestores, que têm de cumprir a carga horária e a curricular, além desse espaço para escuta e atenção. Boa parte dos problemas na escola são reflexos de problemas vivenciados na família. Por isso, é também necessário o trabalho com os familiares e responsáveis dentro dessa perspectiva de realizar atividades extraescolares.

“Avalio como uma experiência muito rica, primeiro, porque a gente teve oportunidade de dialogar com vários estados, com relatos de experiências e situações parecidas, com busca de soluções e narrativas diversificadas dos colegas. Especialmente com a pandemia, veio essa necessidade de parar para escutar, para acolher, para ver essa pessoa como pessoa, não apenas como aluno na escola, mas em todos os espaços. E a Vivescer trouxe estratégias e ferramentas que a gente pode utilizar no trabalho, na escola, no espaço formativo, mas também ao longo da vida”, afirma Elisabeth.

Já Arimateia afirma que há diversas situações da atualidade que demandam novas estratégias. E uma delas é a perspectiva de que o acolhimento seja trabalhado com base no currículo e no projeto político pedagógico da escola, como uma ação a ser desenvolvida de maneira permanente no espaço escolar.

“Algumas coisas devem vir para ficar e a gente precisa ter essa estratégia. Por exemplo, a tecnologia não tem como não ficar, então tem que se adequar a ela. A questão também da saúde e educação emocional é algo que há muito tempo já demandava mais atenção, que deve ser mais bem trabalhada nas escolas. Infelizmente, focou-se muito mais a questão racional”, conclui Arimateia.

Acolhimento socioemocional

O manual do projeto “Emaranhando Vidas”, realizado desde 2018 pela Seduc, enumera os benefícios de se realizar o acolhimento socioemocional dos alunos, tais como:

- Melhora a qualidade da construção da aprendizagem;
- Melhora as condições socioeconômicas na vida adulta;
- Previne a ansiedade e a depressão;
- Evita o bullying;
- Estimula escolhas responsáveis e saudáveis;
- Diminui índices de violência;
- Auxilia na superação de desafios;
- Promove o trabalho em equipe.

Minas Gerais

CAPÍTULO

07



**Secretário**

Igor de Alvarenga Oliveira Icassatti Rojas

Área responsável do projeto na SEE

Escola de Formação e Desenvolvimento de Profissionais e de Educadores

Titular da área

Elisabeth Gomes - Coordenadora - Coordenadoria de Ensino

Ponto de Contato CONSED

Weyner Lopes Rodrigues - Diretor / Escola de Formação

Janeth Cilene Betônico da Silva - Coordenadora

Área/ Pessoas Envolvidas

Kerolay Cristiane de Souza marques - Coordenador de Tecnologias Educacionais

Bianca Giannini Silva Marinho - Chefe da Assessoria de Comunicação Social da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

Janeth Cilene Betonico Silva - Coordenadora (Coordenadoria de Ensino)

Angelica Cristina de Oliveira Brandão - Analista Educacional/Pedagoga (Coordenadoria de ensino)

Daniela Barbosa - Professora-formadora (Profip)

Débora Mendonça Silva - Professora-formadora (Profip)

Élica Regina Gonçalves - Analista Educacional/Pedagoga (Coordenadoria de ensino)

Felipe Pinheiro - Professor-formador (Profip)

Isabela Moreira Silva - Professora-formadora (Profip)

Izabela Van Ham Colchete - Professora-formadora (Profip)


Leonardo Medeiros - Professor-formador (Profip)

Maria do Carmo Rezende dos Santos Assunção de Oliveira - Analista Educacional / Pedagoga (Coordenadoria de ensino)

Nayara Prado de Matos - Pedagoga e Professora-formadora (Profip)

Entrevistados para o relato

Felipe Gustavo Pinheiro - Tutor nos cursos da Escola de Formação





Um dos muitos desafios que enfrentamos durante a pandemia de Covid-19 foi adaptar atividades rotineiras ao ambiente digital – e não foi diferente com a formação de professores. Com a impossibilidade dos encontros presenciais, seja pela necessidade do distanciamento ou pelas dimensões do território, a Secretaria de Educação de Minas Gerais apostou nas ferramentas digitais para criar e oferecer uma formação que pudesse dar conta dos desafios socioemocionais que a comunidade escolar passou a enfrentar a partir de 2020. O desafio era falar de acolhimento sem o contato físico, por meio das telas que nos acompanharam ao longo de toda a pandemia.

O estado de Minas Gerais tem 2.718.516 de alunos matriculados em quase 12 mil escolas, de acordo com dados do Censo da Educação Básica 2021. A rede estadual reúne cerca de 1,7 milhão de matrículas, principalmente nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, incluindo Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estado tem 4,9 pontos no Índice de Educação Básica (Ideb) dos anos finais e 4,2 no ensino médio. Durante a pandemia, uma das estratégias da rede foram as teleaulas, exibidas diariamente no canal público de TV do estado, a Rede Minas.

Desde 2011, o governo do estado mantém a Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores de Minas Gerais, uma estrutura dentro da Secretaria, para dar conta das necessidades de capacitação. Os cursos estão disponíveis para os cerca de 113 mil professores e demais profissionais. A demanda por cursos que tratassem das dimensões socioemocionais sempre existiu, mas a pandemia escancarou e trouxe o sentido de urgência. A reabertura total das escolas, em 2022, ocorreu em um contexto de muita pressão externa para que se recuperasse o que foi perdido nos últimos dois anos.

“Algumas escolas já tinham um certo trabalho encaminhado, o que favoreceu um pouco mais a reconexão das coisas. Para outras, foi quase uma retomada do zero



com relação ao conteúdo e quanto à interconexão entre as pessoas”, explica o professor Felipe Pinheiro. Ele atua como tutor nos cursos da Escola de Formação e foi um dos membros da Secretaria que participou da formação em Acolhimento e Bem-Estar, da Vivescer, que posteriormente deu origem a um curso oferecido aos profissionais da rede.

Ao todo, uma equipe de cinco profissionais da Escola de Formação, incluindo Felipe, participou, em 2021, da formação da Vivescer e, a partir do aprendizado, criou um curso autoinstrucional para ser oferecido aos professores da rede, no formato EAD. Intitulado “Reconexões: as pessoas e a escola”, é composto por 40 horas divididas em três módulos: o primeiro, focado no acolhimento e autocuidado; o segundo, nos aspectos subjetivos do retorno às aulas presenciais; e o terceiro, na dimensão objetiva e prática da reabertura das escolas.

“Nós percebemos o aluno muito angustiado, com uma reação muito exacerbada quando íamos aplicar, por exemplo, uma avaliação diagnóstica. Mesmo que fosse de modo amistoso, era visto como ameaçador e desencadeava crises de pânico. E o professor estava exausto. Ao longo da pandemia, fomos a classe acusada de receber sem trabalhar, quando, na realidade, estávamos passando mal de tanto trabalhar”, descreve Felipe.

O desejo do grupo mineiro formado pela Vivescer era tratar o tema do acolhimento de forma presencial, até mesmo pela sensibilidade do assunto. Mas as dimensões da rede e as vivências da pandemia levaram a um formato autoinstrucional, em que o participante percorre de forma autônoma a trilha formativa e, ao final, propõe um projeto de intervenção em uma escola. Felipe produziu os conteúdos e aulas que compuseram o curso. O material trouxe conceitos como justiça restaurativa, níveis de escuta, comunicação não-violenta, entre outros.



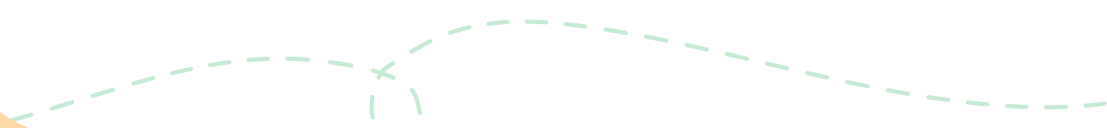
“O plano inicial era que fosse uma coisa muito mais interativa, mas tínhamos um desafio que é a dimensão do estado de Minas. A gente ficou em um dilema grande: como falar de acolhimento a partir de um curso autoinstrucional? Em debate com a gestão, achamos mais prudente que fosse nesse formato, porque facilitaria para mais pessoas acessarem o conteúdo. A demanda era grande e havia urgência. Essa foi a opção que abrangeu mais pessoas”, conta Felipe.

Inicialmente, o foco eram os analistas e inspetores educacionais, mas a maioria dos inscritos foi de professores. Nessa primeira formação, foram 1,8 mil matriculados em duas turmas. Um dos objetivos da formação, em cada um dos seus módulos, era deixar o professor mais confortável para os possíveis cenários que iria enfrentar e “vaciná-los” para possíveis falhas no percurso da retomada, alinhando as expectativas para um cenário adverso que iriam encontrar.

Acolhimento: teoria e prática

Um dos grandes diferenciais da formação, por meio da Vivescer, foi instrumentalizar a equipe para trabalhar o tema do acolhimento de forma muito prática. O estudo de teorias e técnicas que podem ser facilmente aplicadas no ambiente escolar permitiram tirar o tema do acolhimento de um lugar de “achismo” ou “filantropia”, como define Felipe.

O material da Vivescer ajudou a desmistificar o tema, na medida em que apontou estratégias e conceitos claros de acolhimento e seu impacto positivo no processo de ensino e aprendizagem. Esse olhar técnico para o tema foi elogiado pelos participantes do curso desenvolvido pela rede de Minas, que puderam entender que o acolhimento e as habilidades socioemocionais não são um discurso





genérico, mas são compostas por um conjunto de ferramentas potentes, capazes de transformar as relações do ecossistema escolar.


A formação trazia os principais conceitos relacionados ao acolhimento e apresentou teorias de diversos autores, como Otto Scharmer (ver box) e Marshall Rosenberg. Para ajudar de forma ainda mais prática o docente que retornava à sala de aula, abordou também informações e ferramentas de apoio, como a interface da escola com o sistema de saúde local, assistência social e outras instâncias que pudessem amparar o professor quando ele se deparasse com eventos mais sensíveis.

“Nesse processo de engajamento, muitas vezes, o mais difícil é mostrar para aquele professor mais tradicional que, aquilo com que ele está habituado e foi formado, ainda tem um lugar. Mas, muitas vezes, já não conversa com as demandas que temos hoje no contexto educacional. A ideia do acolhimento ainda pode muitas vezes ser vista como frescura, mas com a pandemia o professor viu que o emocional dele foi abalado, o que o impede de continuar trabalhando, compromete a saúde, o ganha-pão e a manutenção da família dele. Isso serviu para acordar essa consciência”, ressalta Felipe.

Um dos grandes desafios nessa jornada é tornar o acolhimento, de fato, uma cultura perene nas escolas e não restrito a momentos específicos, como no retorno das aulas a cada semestre letivo ou em datas como o Setembro Amarelo. Isso requer reconfigurar hábitos de diálogo e escuta para que funcionem como ferramentas “revolucionárias” do ambiente escolar, como define Felipe.

O retorno dos participantes foi positivo pela forma prática como o tema do acolhimento foi tratado, mas também pela própria iniciativa da secretaria em valorizar e trazer o componente socioemocional para a formação da rede, inédito para boa parte dos matriculados no curso.





Além do curso desenvolvido pela própria Escola de Formação, com base na formação inicial da Vivescer, uma parceria com a Secretaria de Educação, iniciada no segundo semestre de 2022, permitiu a oferta do curso Acolhimento e Bem-Estar na Sala de Aula, da Vivescer, (disponível em: <https://vivescer.org.br/sobre-as-jornadas/acolhimento-e-bem-estar-na-sala-de-aula/>) diretamente aos profissionais da rede, que recebem uma certificação reconhecida pelo sistema estadual após a conclusão das aulas. Até outubro de 2022, mais de 800 participantes entre professores, diretores e técnicos tinham ingressado no curso por meio da parceria.

Desafios

Para 2023, a equipe da Secretaria de Educação de Minas Gerais formada pela Vivescer tem planos de ampliar a experiência desenvolvida até aqui e promover encontros presenciais para abordar o tema do acolhimento. A ideia é organizar uma formação itinerante, que possa visitar diferentes regionais pelo estado para fazer essa multiplicação. A aposta é que uma formação *in loco* nas escolas seja capaz de envolver e motivar mais as equipes para que a cultura do acolhimento seja desenvolvida de forma perene.

Outro desafio é que o engajamento ocorra de forma mais espontânea e que a formação não seja verticalizada, ou seja, que a aderência dos professores não se dê por uma obrigação da formação, mas por compreensão da importância de aprimorar os aspectos socioemocionais em sala de aula.

“Somente agora é que a equipe das escolas está se permitindo, percebendo que é o momento de errar, deixar essa fragilidade aparecer e entendendo que isso não é defeito. Isso é natural nesse processo que foi completamente inédito do ponto de vista emocional”, destaca Felipe.

Otto Scharmer e a Teoria U

No curso oferecido à rede estadual de Minas Gerais, com base na formação da Vivescer, um dos teóricos trabalhados foi o professor Otto Scharmer, do Massachusetts Institute of Technology (MIT) e fundador do Presencing Institute, nos Estados Unidos.

Scharmer desenvolveu a “Teoria U”, que se propõe a ser uma tecnologia social para ajudar a conectar melhor os indivíduos de um sistema. Ela convida, em um primeiro momento, o indivíduo a ter um olhar para si, a fim de reconhecer padrões obsoletos que podem ser transformados. Em seguida, convida o indivíduo a abrir o coração e a mente para aderir a novas perspectivas que transformem a organização da qual ele faz parte.

A obra apresenta o termo “*presencing*”, cunhado por Scharmer, que combina os conceitos de presença (*presence*) e sentir (*sensing*), trazendo exercícios e práticas para que uma organização possa se conectar com aquilo que realmente deseja ser. A teoria vem sendo amplamente usada nos ecossistemas de inovação e liderança empresarial, mas também pode reverberar na escola que deseja fortalecer seus processos de transformação a partir das conexões entre seus pares.

“O poder da atenção é o verdadeiro superpoder da nossa era. Atenção alinhada com intenção é capaz de mover montanhas”, defende Scharmer.

Para saber mais: *Teoria U*, como liderar pela percepção e realização do futuro emergente. São Paulo: Alta Books, 2019.

CAPÍTULO

08

Mato Grosso do Sul



Secretária

Maria Cecília Amendola da Motta



Área responsável do projeto na SEE

Coordenadoria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação

Titular da área

Alessandra Ferreira Beker Daher

Ponto de Contato Consed

Alessandra Ferreira Beker Daher

Estela Mara de Andrade - Gestora da Coordenadoria de formação continuada

Área/ Pessoas Envolvidas

Paola Lopes Evangelista - Coordenadora da Coordenadoria de Psicologia Educacional

Estela Mara de Andrade - Gestora da Coordenadoria de formação continuada

Marcus Vinícius Espíndola - Assessor de comunicação

Cezar Luiz Vendas Galhardo - Publicidade/Marketing

Amanda - Coordenadora da Coordenadoria de Psicologia Educacional

Alfredo Souza de Oliveira - Centro de Formação (CFOR)

Annelise Lopes Peralta Herradon - Centro de Formação (CFOR)

Fabiani Inês de Almeida - Centro de Formação (CFOR)

Gláucia Ethel Rodrigues - Centro de Formação (CFOR)


Fabiana Andrade de Oliveira - Centro de Formação (CFOR)

Cristiane Alves da Silva Farias - Centro de Formação (CFOR)

Entrevistados para o relato

Estela Mara Andrade - Gestora da Coordenadoria de formação continuada

Fabiana Andrade de Oliveira - Centro de Formação (CFOR)





A Secretaria de Estado de Educação (SED) do Mato Grosso do Sul, por meio da Coordenadoria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (CFOR), iniciou, em 2020, formações da Vivescer com os professores formadores da CFOR. Além dessas formações, em 2022, a CFOR convidou duas escolas para participarem de um projeto piloto relacionado às formações.

O estado tem 583.166 alunos matriculados em 1.331 escolas, de acordo com dados do Censo da Educação Básica 2021. Desse total, cerca de 211.733 estão matriculados nas 349 escolas da rede estadual, escolas que oferecem principalmente os anos finais do ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estado tem 4,7 pontos no Índice de Educação Básica (Ideb) dos anos finais e 3,7 no ensino médio.

Mato Grosso do Sul tem 79 municípios e faz fronteira com dois países, Bolívia e Paraguai. Segundo a gestora da coordenadoria de formação continuada da SED, Estela Mara de Andrade, geograficamente é muito difícil compreender o Estado, pois o território é extenso, mas a população é pequena. Ela conta que há municípios com apenas uma escola estadual, como Paraíso das Águas, que tem 5 mil habitantes.

A equipe da SED do estado conta hoje com 57 professores formadores distribuídos em gerência de formação de professores, gestores, diretores e coordenadores pedagógicos e servidores administrativos.

“Ofertamos processos formativos para os profissionais da educação da rede estadual e municipal por conta do trabalho em regime de colaboração que temos aqui no MS. A formação assíncrona da plataforma ofertada, em 2020, pela Vivescer, foi realizada também por um número significativo de profissionais da educação das redes municipais. Esse público ampliado é grande, mas, na medida do possível, atendemos as necessidades de formação dos municípios do estado”, afirma a gestora.




Para os próximos anos, a técnica do Centro de Formação de Professores da CFOR, que faz parte da equipe responsável pelas formações da rede, Fabiana Andrade de Oliveira, comenta que o núcleo estuda a possibilidade de que as formações síncronas sobre cultura de acolhimento envolvam também os técnicos das regionais de educação, que seriam braços da SED no interior. “Pensamos na formação desses técnicos para que eles também sejam replicadores, para que possam ajudar a ampliar as formações para toda a rede”, complementa.

A experiência da Vivescer nas escolas

Quando a proposta da Vivescer chegou para a coordenação de formação continuada, o núcleo concluiu que uma boa estratégia seria trabalhar a aplicação da formação em escolas piloto, para entender, inicialmente, como funcionaria na prática e depois ir para as demais escolas da rede. Alguns dos motivos para essa tomada de decisão eram a distância geográficas e as novas e distintas situações que surgiram a partir da pandemia de Covid-19, relacionadas especialmente às questões de saúde mental de professores e de estudantes.

“Nós entendemos que, se fizéssemos apenas algo virtual, não iria surtir a metade do efeito que nós gostaríamos. Fizemos, inicialmente, uma leitura muito minuciosa do material e imaginamos possibilidades formativas”, explica Estela.

Ela conta ainda que as formações da secretaria não pararam, os professores continuaram a receber as formações virtuais. “Eles tinham aulas virtuais, cursos virtuais, tudo virtual. Mas nós não queríamos que fosse assim com a formação da Vivescer, porque, para nós, com a leitura de todo o material, fazia muito mais sentido que fosse presencial”, declara.





Como a proposta era entender o que a escola estava vivenciando naquele momento em todos os aspectos, foi definido que faríamos o piloto em duas escolas que atendem etapas diferentes da Educação Básica.

Uma delas é uma escola periférica tradicional, construída em uma área pertencente ao hospital São Julião, responsável pelo tratamento de hanseníase. Na época da sua criação, a escola atendia o público internado e os estudantes cujos familiares estavam em tratamento. Por isso, a sua constituição histórica reflete saberes mobilizados pela comunidade a partir da resistência à exclusão social e da resiliência dos estudantes diante dos seus desafios, dores e superação. Hoje, a escola recebe estudantes moradores de toda a região, sendo uma instituição de ensino voltada para atender a demanda local, não mais para os casos de famílias acometidas pela doença.

Nesse sentido, diante dos desafios para superar visões preconceituosas sobre a doença, nota-se que pontes solidárias foram construídas entre as famílias e a comunidade local. E, tendo em vista que foi administrada por religiosos católicos, culturalmente, a escola também foi influenciada por valores e crenças cristãs. Hoje, a escola atende estudantes do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental.

Já a outra escola, situada no centro da capital Campo Grande, atende estudantes do Ensino Médio, em transição para o formato e currículo do Novo Ensino Médio, e conta com um diretor, segundo Estela, muito acolhedor e inovador.

“A ideia era ofertar a formação em duas escolas de contextos bem diferentes e que trabalham com alunos em diferentes faixas etárias, para entender como seria com públicos distintos e, assim, quando fosse ampliar para a rede, já teríamos o mapeamento e a compreensão de algumas questões mais específicas de cada público em relação aos conceitos de acolhimento no ambiente escolar. Tínhamos uma preocupação muito grande em fazer com que essas escolas se sentissem



pertencentes ao processo, já que eram escolas pilotos. Quando chegamos nas escolas, buscamos extrair deles elementos da realidade, criar esse diálogo e trazer isso para contexto do acolhimento”, pontua Estela.


Formação dos gestores e professores

Em 2022, as formações nas duas escolas participantes do então projeto denominado “Escola: Espaço de Aprendizagens e Múltiplas Subjetividades”, contaram com seis participantes das áreas de direção e coordenação pedagógicas. A formação foi dividida em três módulos, com 80 horas de conteúdo, contabilizados a partir de encontros presenciais e atividades virtuais pela plataforma AvaSaber, da Secretaria de Educação.

Para a realização das formações, a Coordenadoria de Formação/CFOR, fez contato com as escolas para combinar os melhores dias e horários para que todos se sentissem ouvidos e comprometidos com os momentos formativos.

O curso teve como propósito contribuir com a formação dos formadores e o aperfeiçoamento das competências socioemocionais e pedagógicas dos professores nas escolas. Dentre algumas das atividades virtuais, foi proposto um diário de bordo para que os profissionais registrassem a sua rotina.

“Como a formação foi feita somente para gestores e coordenadores, orientamos esses profissionais em formação a realizarem conversas e orientações para os professores, destacando a importância do acolhimento na escola. Essas conversas tinham como objetivo instrumentalizar os professores que atuam diretamente e vivenciam situações que precisam ser mediadas ou acolhidas por todos da escola”, explica Estela.



Nesse percurso formativo, alguns desafios também foram mapeados e demandaram acompanhamento e orientação da equipe do CFOR, inclusive de acesso à plataforma e dúvidas sobre as atividades propostas.

“Mandávamos mensagens lembrando sobre as atividades que tinham de ser feitas. Nossa equipe se dividiu em duas e cada uma foi para uma escola. Lá, sentamos com os coordenadores e gestores e, juntos, fizemos reflexões em torno do que eles entendiam e não entendiam na plataforma, por exemplo” explica Estela.

Uma pergunta muito comum dos gestores e coordenadores, segundo Fabiana, é como mediar assertivamente as demandas do cotidiano escolar. Um dos principais pontos de reflexão da equipe de formação foi sobre de que maneira o processo formativo poderia tematizar o acolhimento com base em conceitos teóricos e concretizá-lo na realidade. Esse é um desafio dessa formação: o de promover um diálogo entre teoria e prática.

“Estamos estudando, compreendendo e trazendo vários elementos, mas como entender esse processo no chão da escola? Nesse sentido, a formação realizada com a equipe da Vivescer foi muito feliz em trazer estratégias, metodologias e colocar o acolhimento como cultura”, explica a técnica.


Para Fabiana, o acolhimento, às vezes, é compreendido como uma ação pontual, uma forma de receber. “Não que a gente esteja dizendo que isso não seja uma maneira de acolher, mas entender o acolhimento como cultura, um caminho potente de transformação da realidade e das relações humanas, respeitando a diversidade e legitimando as diferenças, é um grande aprendizado”.

Situações vivenciadas na escola: o acolhimento na prática

Alguns relatos sobre a importância da escuta e do acolhimento, com base nos aprendizados das formações no âmbito da Vivescer nas escolas, foram compartilhados:

Diálogo - Um estudante que tinha questões em relação ao cumprimento de algumas regras da escola mobilizou vários colegas em torno desses questionamentos. A situação exigiu que coordenadores e professores escutassem as questões trazidas pelo grupo e, em um processo de diálogo, debatessem, compreendessem e ressignificassem as regras. “Acolher significa rever processos didáticos, relações entre os atores escolares e compreender o território escolar”, comenta Fabiana.

Assembleias - Em uma das escolas, mapeou-se que, para dialogar e resolver alguns dos seus conflitos, um caminho potente seria a realização de assembleias, que passaram a ser realizadas antes da finalização do bimestre. Nelas, os estudantes foram convidados a dialogar com a coordenação sobre como foram as avaliações escolares e como é a relação com os professores. “Tanto os coordenadores quanto os professores começaram a ouvir e a entender o olhar do estudante em relação aos processos desenvolvidos na escola”, explica Estela.



Interlocutores - Também foi relatado sobre uma funcionária de uma das escolas que identificaram ter grande facilidade e abertura com os estudantes. Ela era uma potente interlocutora entre gestão, professores e estudantes, pois tinha uma escuta muito sensível. Esse foi um aprendizado registrado pela escola, que é o de se fazer um levantamento de quem são esses atores da escola, o que eles fazem, quais têm potencial de desenvolver diálogos assertivos no contexto escolar.

CAPÍTULO

09

Pernambuco



Secretário

Marcelo Andrade Bezerra Barros

Secretaria de
Educação
e Esportes



GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO

Área responsável do projeto na SEE

Secretaria Executiva de desenvolvimento da educação-SEDE

Titular da área

Ana Coêlho Vieira Selva

Ponto de Contato Consed

Regina Celi de Melo Andre - Assessora pedagógica da SEDE

Vera Lúcia Braga de Moura - GEIDH/Gerência de Políticas Educacionais de Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Cidadania)

Área/ Pessoas Envolvidas

Cláudia Roberta Araújo Gomes - Superintendente da SUEAI

Cláudia Abreu - Gerente Geral da GGMOD

Ana Tereza - Gerente Geral da GGEAF

Vera Braga - Gerente da GEIDH

Regina Celi de Melo André - Assessora Pedagógica da SEDE
Guilherme Vila Nova - Superintendente de Comunicação

Alciane Amorim de Oliveira Gomes - Gerência Geral de Modalidades

Anair Silva Lins e Mello - SEDE/Gerência de Políticas Educacionais de Educação Inclusiva Direitos Humanos e Cidadania- GEIDH

Diana Cristina das Chagas - SEDE/SUEAI



Fábio Cunha de Sousa - GEPEM, Gerência de políticas Educacionais do Ensino Médio

Janyse Feitosa Carlos da Silva - SEDE/ Gerência Geral das Modalidades - GGMOD

Maria de Fátima Costa de Melo - Professora lotada na Secretaria Executiva de Educação Integral e Profissional/ SEIP

Entrevistados para o relato

Vera Braga - Gerente da Gerência de Políticas Educacionais, Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Cidadania da Secretaria pernambucana




Quem não se sentiu fora do eixo ou perdido durante a pandemia? Se um mapa ajuda o indivíduo a se localizar, um “Mapa Afetivo” pode fortalecer a ideia de pertencimento e organizar sentimentos. Esse é o nome do projeto que foi desenvolvido pela Secretaria Estadual de Pernambuco, com base na formação da Vivescer.

O estado de Pernambuco tem 1.273.685 alunos matriculados em 5.990 escolas, de acordo com dados do Censo da Educação Básica 2021. Desse total, cerca de 534 mil estão matriculados na rede estadual, que reúne 1.056 escolas que oferecem principalmente os anos finais do ensino fundamental e ensino médio, incluindo Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estado tem 4,7 pontos no Índice de Educação Básica (Ideb) dos anos finais e 4,4 no ensino médio.

Assim como em outras redes, a pandemia e o fechamento das escolas acarretou piora das taxas de rendimento em Pernambuco. A de abandono passou de 0,13% para 1,4%, e a de reprovação cresceu de 0,19% para 4,52%, entre 2020 e 2021.

Mesmo antes da pandemia, a rede estadual já desenvolvia um trabalho de fortalecimento das competências socioemocionais dos alunos, conforme preconiza a própria Base Nacional Curricular Comum (BNCC), como aposta para melhorar a qualidade do ensino. Com a pandemia, a diretriz tornou-se um imperativo urgente – e o principal instrumento escolhido foi a escuta.

“A gente já trabalhava com escuta, enfrentamento e prevenção de violências. A formação pela Vivescer foi importante porque veio fortalecer aquilo que a gente vem desenvolvendo, que é a educação socioemocional e a importância do acolhimento como veículo para fortalecer o processo de ensino e aprendizagem”, explica Vera Lúcia Braga de Souza, gerente da Gerência de Políticas Educacionais, Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Cidadania da Secretaria pernambucana.





Vera e outros gestores da equipe técnica pedagógica da Secretaria, sete no total, participaram da formação pela Vivescer em 2021 e, a partir da experiência, desenvolveram o projeto Mapa Afetivo. Trata-se de uma ação multiplicadora focada em oferecer aos gestores da escola e professores ferramentas de escuta estruturadas que permitam melhorar e ampliar o diálogo neste período tão delicado. Assim como a maioria das redes, Pernambuco só retornou totalmente ao modelo presencial em 2022. O nível de adoecimento emocional, tanto do corpo docente quanto discente, era alto. Para além de medidas sanitárias – distanciamento, uso de máscaras, espaços abertos – era preciso olhar para os impactos da pandemia na saúde mental da comunidade escolar.

“Era muito importante você ter esse olhar mais compassivo e generoso para que, quando a pessoa chegasse na escola, não fosse mais um número, mas um ser humano com as suas especificidades e que isso fosse visto. Esse olhar mais cuidadoso foi uma das coisas mais importantes na reabertura das escolas, respeitando essas dores e necessidades que as pessoas trazem consigo, e que durante a pandemia ficaram mais evidentes”, diz Vera.

A escuta como ferramenta estruturada

A partir dos conhecimentos adquiridos com a formação, foi possível pensar em uma metodologia de escuta estruturada para ser aplicada nas escolas, com objetivos específicos e etapas sistematizadas para garantir sua eficácia.

“Através do curso, nós vimos que a escuta tem caminhos, é uma estratégia sistematizada. Geralmente, quando a gente faz uma escuta sem ter esse planejamento, você começa a julgar aquilo que a pessoa traz. Você tem que estar receptivo para que o outro também se sinta seguro e traga confiabilidade para essa escuta, senão ela não se torna eficaz”, pondera Vera.



Ela conta que a importância do planejamento e da sistematização das atividades foi um dos principais aprendizados na formação da Vivescer.


Outro destaque da formação foi garantir o protagonismo dos atores da escola – dos alunos aos professores, passando pelos profissionais de apoio. No projeto, a visão do acolhimento está conectada à ideia de pertencimento. Por isso, a importância de desenvolver uma escuta horizontalizada, dando oportunidade para que todos participem.

“Somos uma sociedade muito verticalizada e o olhar da gente para a criança e para o adolescente é muito adulto, hierárquico. Nessa perspectiva do acolhimento que a própria Vivescer trouxe, é possível estabelecer essa relação mais dialógica, horizontalizada. Não é que o professor ou gestor vá perder sua autoridade, mas, naquele momento da roda de diálogo, valorizar aquelas falas, seja do estudante, seja da merendeira, seja do porteiro, é importante. Essa questão de legitimação das falas, de escutar todos os atores que compõem a comunidade escolar, foi trazida pela Vivescer de uma forma bem contundente”, aponta.

A experiência da formação

O processo de formação na rede se deu em quatro grandes encontros ao longo de 2022, com representantes de 10 Gerências Regionais de Ensino (GREs), que, posteriormente, seriam os responsáveis por um plano de ação para fortalecer o acolhimento nas unidades. Foram formadas cerca de 100 pessoas.

Por meio de textos e músicas, a ideia foi a de apresentar aos participantes o conceito de acolhimento e a metodologia específica relacionada à escuta, que já tinha sido trabalhada na formação da Vivescer. As obras do escritor angolano Mia Couto, do cantor pernambucano Lenine, do rapper Gabriel, o Pensador, e



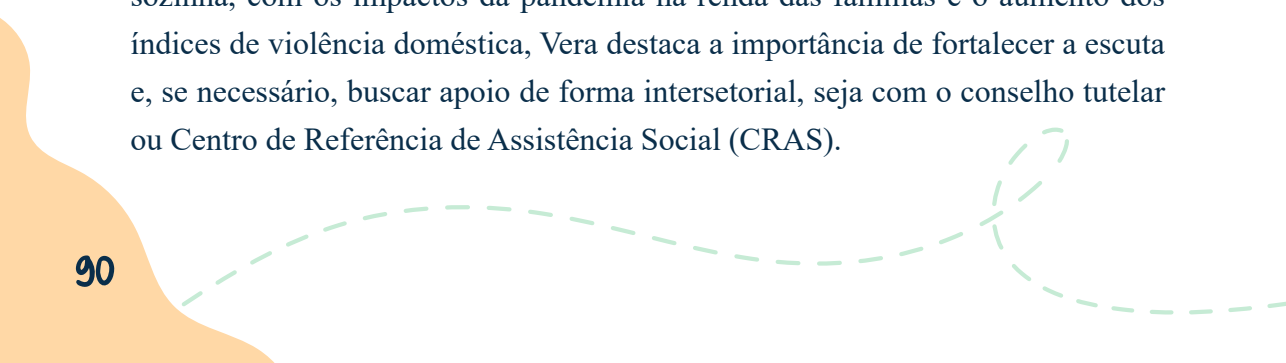
de outros artistas acompanharam os dias de estudo e imersão. Nos encontros, os participantes mergulharam em suas próprias memórias afetivas dos tempos de escola e dos locais onde trabalham hoje. Os fios condutores da ação foram a escuta e a pedagogia do afeto, como definiu o próprio material usado na formação.

A partir do encontro, cada GRE ficou responsável por apresentar um plano de multiplicação do Mapa Afetivo nas suas escolas. A etapa de formação nas unidades seguiu em curso até o fim do semestre letivo de 2022. O plano era que todas as escolas da rede fossem contempladas com o projeto. A resposta dos participantes positiva e o saldo principal foi de que os professores e gestores passaram a entender que interromper uma aula para ouvir um estudante não é perda de tempo, mas prevenção de uma futura violência.

“Já temos essa compreensão de que faz parte do processo pedagógico você parar para escutar e acolher para que as aprendizagens se desenvolvam. Porque não adianta você querer a todo custo dar uma aula quando o aluno está inquieto ou brigando com o outro. A partir da formação, a escola entende que precisa parar naquele momento, pedagogicamente, para se ouvir. Esse novo conceito de escola ficou muito forte após o trabalho com a Vivescer e do Mapa Afetivo. Não dá para apenas seguir cumprindo o conteúdo se o aluno estiver evadindo, com ideação suicida ou se automutilando”, exemplifica Vera.

Virada

Ainda que a escola não consiga resolver todos os problemas do seu entorno sozinha, com os impactos da pandemia na renda das famílias e o aumento dos índices de violência doméstica, Vera destaca a importância de fortalecer a escuta e, se necessário, buscar apoio de forma intersetorial, seja com o conselho tutelar ou Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).





As formações continuam em andamento, por isso, a gerência ainda não tem os resultados de forma estruturada. Mas, no dia a dia das escolas, percebe que a experiência já colhe frutos.

“Os professores mandam depoimentos dizendo que o Mapa Afetivo virou um projeto de vida, porque respeita o outro e desenvolve a cultura do pertencimento, da não-violência. Os professores mencionam que se sentiram cuidados e ouvidos através do Mapa Afetivo. A escola parou para ouvir os seus pares”, pontua.

As milhares de vidas perdidas na pandemia e os dois anos de escolas fechadas vão deixar marcas para sempre naqueles que vivenciaram os anos de 2020 a 2022. Mas Vera acredita que a experiência pode ser uma oportunidade de a escola refletir e transformar seu papel.

“De alguma forma, ela vai forçar a escola a se reorganizar e se ressignificar. A pandemia traz um questionamento daquilo que importa. Qual é a função da escola? É só trabalhar conteúdos curriculares ou construir novas convivências e uma nova compreensão do sujeito? A pandemia trouxe algo muito materializado e concreto que é a ideia de finitude. A gente tem que trabalhar juntos, se fortalecer e valorizar o tempo que estamos aqui, porque amanhã podemos não estar mais”, lembra.

Setembro Amarelo

Além do Mapa Afetivo, ainda em parceria com a Vivescer, a Secretaria de Educação de Pernambuco desenvolveu uma ação específica para o Setembro Amarelo no ano letivo de 2022. Em formato híbrido, a programação contou com uma transmissão ao vivo, com a participação de Silvia Breim, educadora e coordenadora de conteúdo da Vivescer, para fomentar a discussão sobre como o clima escolar impacta o processo de ensino-aprendizado.



Além do evento on-line, houve ainda um encontro presencial que envolveu psiquiatras e psicólogos. Os participantes, em sua maioria professores, discutiram a saúde emocional de crianças e adolescentes e receberam informações sobre como prevenir ideação suicida e automutilação, além da importância de reconhecer o sujeito na sua integralidade – corpo e mente.

As 7 regras da escuta sensível

Um dos autores trabalhados na formação da Vivescer foi a socióloga italiana Marinella Sclavi. Com base nesse aprendizado, a rede de Pernambuco trabalhou e divulgou as sete regras da escuta sensível, para serem aplicadas nas ações nas escolas. Conheça abaixo:

- 1.** Não tenha pressa em tirar conclusões precipitadas. As conclusões representam a parte mais efêmera da experiência de escuta.
- 2.** O que você vê depende do seu ponto de vista. Para ver com sucesso, o seu ponto de vista precisa ser alterado.
- 3.** Se você quiser entender o que o outro está lhe dizendo, deve assumir que ele está certo e questioná-lo para te ajudar a ver a partir da perspectiva dele.
- 4.** As emoções são instrumentos cognitivos fundamentais se você souber entender sua linguagem. Elas não dizem o que você vê, mas como você se sente. Perceba suas emoções.



5. Um bom ouvinte é um explorador de mundos possíveis. Todos os sinais são importantes.
6. Um bom ouvinte acolhe com boa vontade os paradoxos do pensamentos e da comunicação. Exercita-se na gestão criativa dos conflitos.
7. Para tornar-se um *expert* na arte de escutar, deve-se cultivar o bom humor.

Rio de Janeiro

CAPÍTULO

10





Secretária

Patrícia Reis

Área responsável do projeto na SEE

Subsecretaria de Planejamento e Ações Estratégicas (SUBPAE) - Com ações partindo da Coordenação de Formação (COFEEI) da Superintendência de Desenvolvimento de Pessoas (SUPDP)

Titular da área

Vivianne Dorado - Subsecretária (SUBPAE)

Flavia Guimarães - Superintendente (SUPDP)

Ponto de Contato Consed

Julia Maria Godinho Barbosa - Coordenadora de Formação na Superintendência de Desenvolvimento de Pessoas

Área/ Pessoas Envolvidas

SUPDP/ COFEEI/ COAPS

Andreia Correa de Barros

Daniela de Araujo Vieira

Elaine Duarte Rezende

Grace Farias Azambuja

Jaqueline Gomes Alves

Jefferson Santoro

Luciane da Silva Rodrigues

Hozana Beatriz Leite Cabral

Mônica Maria de Araujo

Roberta Marinho da Silva

Veronica Nunes

Vivian Barbosa de Brito Alves Barros

Entrevistados para o relato

Hozana Beatriz Leite Cabral - Membro de Equipe da Cofeei SEEDUC RJ

Grace Farias Azambuja - Professora Formadora do Polo UNIVERSEEDUC Cabo Frio/ SEEDUC RJ

A Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) tem 15 polos de formação que fazem parte da UniverSeeduc (Universidade Corporativa da Secretaria de Estado de Educação), que realiza, para todo o estado, cursos de extensão e pós-graduação para os profissionais de educação.

O estado do Rio de Janeiro tem 1.855.604 alunos matriculados em 6.636 escolas, de acordo com dados do Censo da Educação Básica 2021. Desse total, cerca de 743.723 estão matriculados nas 1.282 escolas da rede estadual, que oferecem principalmente os anos finais do ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estado tem 4,5 pontos no Índice de Educação Básica (Ideb) dos anos finais e 3,9 no ensino médio.

Desde 2020, os professores da rede de educação estadual tiveram acesso à plataforma Vivescer e cursaram sua jornada formativa, com quatro cursos voltados para o desenvolvimento em diferentes dimensões: corpo, emoções, mente e propósito.

Já em 2021, cinco professores formadores que atuam nos polos da UniverSeeduc de Cabo Frio, centro da capital, Nova Iguaçu, Volta Redonda e Teresópolis, foram selecionados para participar das formações on-line da Vivescer sobre acolhimento na sala de aula. Com base nessa formação inicial, estes cinco profissionais, nos meses de outubro a novembro desse mesmo ano, replicaram o curso para outros 68 professores formadores que fazem parte de todos os demais polos. Nessa formação, foram trabalhados os princípios éticos, estéticos e políticos do acolhimento em sala de aula.

Em 2022, os princípios de acolhimento na sala de aula permearam as outras formações oferecidas nos diferentes polos, de forma intrínseca e transversal.

Para Hozana Beatriz Leite Cabral, membro de equipe da Cofeei (Coordenadoria de Formação com Ênfase em Educação Integral) da SEEDUC do Rio de Janeiro, a Vivescer chegou para trazer mais conhecimento e novos olhares para as



formações que o setor já realizava. “Os professores formadores que acompanham a Vivescer têm um olhar mais apurado, mais humanizado, trazendo essas questões de acolhimento de maneira mais intencional para a rede”.


A professora Grace Farias Azambuja, formadora do Polo UniverSeeduc Cabo Frio, foi uma das selecionadas para a formação da Vivescer e, posteriormente, uma das multiplicadoras do conteúdo.

“Nestas formações, recebemos todo o conhecimento sobre acolhimento, para a partir daí a gente começar a replicá-lo na rede, espalhando a formação de maneira transversal, interdisciplinar e inclusiva para os demais. As formações sobre acolhimento são importantes para toda a equipe pedagógica, educandos e famílias. Estamos num momento em que precisamos muito acolher uns aos outros. É fundamental”, declara.

De acordo com Hozana, esses professores formadores passaram a ter o olhar de acolhimento pedagógico e a levá-lo para as formações nos mais diversificados temas que realizam. “Buscamos trazer os conhecimentos sobre acolhimento para dentro das propostas formativas que a gente faz aqui e para a nossa escrita como professores formadores, para que as ideias, propostas e ferramentas sejam reproduzidas e tenham algum impacto na rede”, explica.

A formação específica de acolhimento e a realização das transmissões on-line, que também abordaram questões sobre as competências socioemocionais, foram positivas e essenciais e, de acordo com Grace, uma complementou a outra, ainda mais nesse período em que professores estavam doentes e com problemas emocionais, especialmente por conta do período da pandemia de Covid-19.

“Penso que é muito importante que a questão do acolhimento não seja só uma formação específica, ela precisa estar em todas as formações. Se vou fazer uma





formação presencial sobre como lidar com os chromebooks, por exemplo, antes de eu começar a falar sobre esse assunto, vou falar de acolhimento, vou fazer acolhimento. Então, essas ferramentas que recebemos, precisamos exercitá-las na prática. Isso é importantíssimo para o momento atual e para o futuro”, complementa Grace.

Acolhimento e escuta ativa como cultura

Uma das principais aprendizagens com as formações, segundo a professora Grace, foi o desenvolvimento de uma escuta mais ativa, uma aprendizagem mais empática. “Não tem como fazer acolhimento sem o desenvolvimento dessa escuta ativa. A Vivescer nos deu ferramentas reais e apropriadas para que possamos realmente desenvolver a cultura do acolhimento, para que seja algo intrínseco na escola e não mais só um dia ou uma semana do acolhimento no semestre, no ano”, diz.

Ela explica ainda que o acolhimento precisa ser algo natural, se tornar uma cultura. “Começamos pelo acolhimento dos professores, sentimos que não adiantava formarmos os professores para acolherem os educandos, se eles, em primeiro lugar, não se sentissem acolhidos”. Para Hozana, é preciso continuar impulsionando e formando os professores formadores, para que possam reproduzir e ampliar a cultura do acolhimento em todos os seus aspectos. As ferramentas podem servir para inúmeras outras finalidades no dia a dia, como apoio para a promoção das rodas de conversa ou até mesmo para replicar nas formações, tanto as realizadas em formato on-line quanto presencial.

“Eu realmente acredito na cultura do acolhimento e que, com as formações, nós passamos a enxergar mais o quanto nós precisamos uns dos outros, o quanto o outro é importante. A cultura do acolhimento tem que ser uma realidade,



acontecer de maneira estruturada e ser reforçada de tempos em tempos. O debate sobre o tema tem que estar dentro da escola como forma primordial para a educação acontecer. O professor é fundamental para impulsionar o protagonismo estudantil e precisa ter essa proposta bem afinada para trazer esses conceitos de maneira relevante no dia a dia”, acredita Hozana.

Formações virtuais passam a ser fundamentais para os professores

Antes da pandemia, as formações realizadas pela secretaria aconteciam somente de maneira presencial nos polos, mas, com o período de inviabilidade dos encontros, passaram também a acontecer no formato on-line, e o formato viabilizou a participação de um número bem maior de professores.

Na opinião de Grace, a pandemia trouxe uma cultura que não vai mais embora. A formação presencial vai voltar, mas a formação on-line também vai ficar. “Antes, tínhamos professores mais resistentes às formações, que na pandemia acabaram aderindo”.

E reforça: “Esse professor que a gente buscou, acolheu, que não era um professor aderente às formações, ele vai continuar. Ele aprendeu a gostar e viu a importância desses momentos formativos”.

A pandemia trouxe um desafio importante, especialmente para os professores mais velhos, que não tinham muita afinidade com a tecnologia. O primeiro acolhimento que a rede teve que promover foi com esses educadores e ele aconteceu ainda antes de fazerem as formações da Vivescer. “E receber as ferramentas adequadas para continuar esse trabalho foi muito importante, ainda mais para despertar neles a necessidade da cultura da formação continuada, que muitos professores não tinham e vão ter a partir de agora”, pontua Grace.

Hozana concorda: “esse profissional agora não quer mais parar, vai caminhar junto com a gente. Conseguimos a aderência de muitos às formações”.

Para ela, todos deveriam fazer as jornadas da Vivescer, “para resgatar o olhar humanitário, o olhar de gente. Às vezes, a gente se perde na rotina, quando está em sala de aula principalmente. São demandas sobre demandas. Pensar por essa perspectiva do acolhimento e trazê-lo para a sala de aula, para o dia a dia, é fundamental”, finaliza.

Postura acolhedora

Em um dos materiais usados pela secretaria nas formações sobre acolhimento, com base nos materiais da Vivescer, encontram-se aspectos importantes para uma postura acolhedora:

- Escuta e compromisso em dar encaminhamentos às necessidades trazidas pelos professores, trabalhadores, estudantes e familiares (comunidade escolar), que incluam sua cultura e seus saberes;
- Construção coletiva de propostas com a equipe local e com a rede de serviços e gerências centrais;
- Relações que se constroem a cada encontro e por meio dos encontros, com fortalecimento de confiança, vínculos e compromissos entre as equipes de trabalho e destas com sua rede.

CAPÍTULO

II

Roraima



SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO E
DESPORTO



GOVERNO
DE RORAIMA

Secretário

Raimundo Nonato Carneiro de Mesquita

Área responsável do projeto na SEE

Formação de Profissionais da Educação do Centro de
Formação dos Profissionais da Educação de Roraima -
CEFORR

Titular da área

Stela Aparecida Damas da Silveira

Área/ Pessoas Envolvidas


Maria de Nazaré Sicsú Silva - Divisão de desenvolvimento
Psicossocial - Chefe da Divisão

Gerência de Formação em Gestão Educação e Processos Políticos Pedagógicos:

Aracy de Souza Andrade

Entrevistados para o relato

Marlise Márcia Trebien - Professora formadora do CEFORR




No extremo norte do Brasil, com uma população estimada de mais de 650 mil habitantes, Roraima foi um dos estados brasileiros que mais sofreu durante a pandemia de Covid-19, por conta da falta de conectividade, do abandono escolar e dos desafios específicos da região, como o fato de acolher muitos migrantes venezuelanos.

O estado tem 121.563 alunos matriculados em 847 escolas, sendo que 65% dessas escolas ficam na zona rural, de acordo com dados do Censo da Educação Básica 2021. Desse total, cerca de 79 mil estão matriculados nas 347 escolas da rede estadual, escolas que oferecem principalmente os anos finais do ensino fundamental e ensino médio. O estado tem 4,3 pontos no Índice de Educação Básica (Ideb) dos anos finais e 3,9 no ensino médio.

De acordo com Marlise Márcia Trebien, professora formadora no Centro Estadual de Formação dos Profissionais de Educação de Roraima (CEFORR), os impactos da pandemia na educação também foram imensos para os profissionais da área, que do dia para a noite se viram obrigados a adaptar o formato das aulas, lidar com o novo vírus dentro de suas casas e nas dos alunos, trazendo um cenário de extremo estresse e ansiedade.

Marlise relata que, quando iniciou suas funções no CEFORR, em maio de 2021, todas as escolas públicas do estado ainda estavam no modelo remoto de ensino e tinham feito a primeira parte da formação pela Vivescer, em 2020, com baixa adesão. Com sua chegada à instituição, a professora assumiu a função de ponto focal do projeto para as práticas de acolhimento com os profissionais de educação.

Em 2021, os profissionais do CEFORR foram formados pela Vivescer para multiplicarem as técnicas desenvolvidas no programa de formação, mas novamente, devido à sobrecarga dos profissionais de educação, não foi possível levar o movimento de multiplicação adiante.



“Todos estavam muito sobrecarregados. Com o trabalho remoto, as tarefas domésticas, a doença, situações de luto e, muitas vezes, realizando transmissões ao vivo para tentar atender às múltiplas demandas dos alunos. O estado físico e mental das pessoas já era bastante preocupante, com diversos profissionais afastados, se não pela Covid-19, por casos graves de ansiedade e depressão”, explica a professora.

Acolher para formar

Inicialmente, a ideia era que as formações Vivescer fossem aplicadas com foco nos gestores e coordenadores pedagógicos das escolas. Criaram, então, uma equipe de nove formadores para multiplicar o aprendizado com esse público. Por acumularem muitas tarefas nas escolas, o projeto não teve adesão de coordenadores e gestores pedagógicos.

Em 2022, a Vivescer adaptou o programa formativo sobre acolhimento para os profissionais que trabalham diretamente em sala de aula, e foi a partir daí que a equipe do CEFORR conseguiu encontrar outros caminhos para aplicar as técnicas de acolhimento aprendidas, que entendiam como absolutamente necessárias àquele público.

Em conjunto com a coordenação da Vivescer, os multiplicadores do CEFORR decidiram trazer para a formação daquele estado um modelo híbrido de trabalho, baseado nas necessidades dos profissionais locais. Muitas pessoas estavam receosas de voltar à rotina presencial e, trazê-los de volta com uma dinâmica de acolhimento de maneira física, poderia beneficiar as práticas educativas também.

O Centro de Formação de Professores abriu inscrições para o curso de acolhimento e duas turmas se formaram no final de setembro de 2022, totalizando 58 profissionais de educação. Ao todo, participaram equipes de sete escolas públicas que haviam sido recém-militarizadas.



A decisão de iniciar o trabalho de multiplicação com essas escolas veio após a percepção de que trabalhar com conceitos sistematizados de acolhimento poderia auxiliar no processo de transição do modelo regular de escola para o modelo militar que estavam vivenciando naquele momento, repleto de dúvidas e inseguranças.

Quando começaram a formação, em setembro de 2022, o CEFORR deparou com o fato de que das sete instituições contempladas, apenas uma tinha alunos em aulas presenciais. As demais, desde que houve o fechamento das escolas em 2020, seguiam trabalhando com crianças e adolescentes remotamente, pois mesmo depois da reabertura sanitária, as obras realizadas nos colégios seguiam inconclusas e, portanto, era inviável trazer os alunos e profissionais de volta para o espaço escolar.

Os profissionais de educação que participaram do curso – professores, comandante do corpo de alunos, auxiliar de aluno, coordenador pedagógico e uma gestora militar – cumpriram 40 horas de conteúdo on-line e 40 horas presenciais, que foram divididas em cinco encontros. As práticas, tanto remotas quanto presenciais, foram adaptadas às necessidades e à realidade do público e sempre com o olhar para que pudessem ser replicadas com os alunos ou colegas de trabalho.

Acostumados a trabalhar com formação de professores em diferentes temas, a equipe de formadores mapeou as demandas do grupo. “Os profissionais foram apresentando as suas angústias e carências. Eles sentiam falta de trocar experiências com outros profissionais, sentiam-se muito sós. Foi extremamente importante para os profissionais saberem e sentirem que não estavam sozinhos. A adesão às propostas da metodologia foi expressiva e eles perceberam que eles mesmos seriam agentes de multiplicação do acolhimento, fosse com outros colegas ou com alunos”, afirma Marlise.

As propostas do curso basearam-se em aprofundar o conhecimento sobre acolher e escutar. Por meio de rodas de conversa, desenvolveram a escuta ativa e dinâmica. Leituras interativas de texto mostraram novas oportunidades de inserir o aluno de



forma mais ativa na prática pedagógica e de oferecer a todos um novo recurso de expressão, em que todos pudessem ser mais ouvidos.

Dinâmicas práticas com trilhas de figuras e frases ligadas à metodologia do acolhimento foram incorporadas às atividades presenciais e, na sequência, replicadas pelos profissionais de educação em seus ambientes de trabalho.

Sentir-se acolhido para acolher

Acolhidos, muito rapidamente os professores disseram que já sentiam diferença na prática de trabalho. Relataram que se sentiram mais capazes de ajudar os alunos, que passaram a dar suporte a seus pares e que já percebiam uma significativa redução das tensões, estresses e ansiedades no dia a dia, proporcionando um ambiente de trabalho melhor.

Para o professor Francisco Mario Ribeiro Castro, que participou dos encontros da formação Vivescer, “mais do que uma formação para trabalhar o acolhimento, foi um acolhimento para o próprio professor”.

Maria Irene Alves de Oliveira, também professora e participante da formação, entende que o acolhimento ao aluno traz no bojo a escuta. “A escuta que olha, fala, abraça, coopera, se solidariza e tem um olhar de empatia. Quem não gosta de ser ouvido? De saber que alguém se importa e pode fazer a diferença?”. Maria Irene trabalha em uma das escolas que ainda estão com aulas remotas, mas diz que já estão colocando em prática, junto aos professores, em cada encontro pedagógico, as ferramentas pedagógicas abordadas na formação para acolhimento dos alunos, e que essa ação tem sido de grande importância.

Marlise destaca a importância da educação mais humanizada e sensível, em que professores e alunos consigam se conectar.

Multiplicação dos aprendizados


A multiplicação dos aprendizados desse processo formativo, na visão do CEFORR, depende de políticas públicas do próprio estado e de incentivo da Secretaria Estadual de Educação para continuidade de formações sobre o tema e para adequação das demandas dos profissionais às suas capacidades, buscando, especialmente, a redução da sobrecarga de trabalho que se intensificou durante a pandemia.

Também entendem que se faz necessário reforçar o convite às equipes gestoras das escolas, conscientizando as pessoas sobre a importância de tornar o acolhimento uma prática integrada ao conteúdo pedagógico e de maneira constante. Dessa forma, os resultados para a educação de crianças e adolescentes e o ambiente laboral podem se desenvolver muito. “Precisamos que o acolhimento passe de um conceito pontual e esporádico para um fazer contínuo e intencional”, finaliza Marlise.

Aprendizados sobre acolhimento

Entre os aprendizados mapeados pela formação, em parceria com a Vivescer na região, estão:

- Importância de se ouvir os profissionais da educação para mapear necessidades, angústias e anseios;
- Com a escuta, os profissionais também se sentiram mais valorizados, pois perceberam que não estavam sozinhos;

- 
- Acolhimento colocado de modo mais consciente e sistematizado para aprofundar os estudos nesse tema;
 - Muitos profissionais já realizavam práticas de acolhimento, mas não de modo sistematizado;
 - Trocas de experiências são enriquecedoras e servem para adaptar as práticas de acolhimento para a realidade de cada um, através de exemplos práticos;
 - Mudança de concepção do que é acolhimento, passando do pontual para algo mais amplo e duradouro;
 - Há diferentes abordagens para integrar o acolhimento ao conteúdo curricular;
 - Olhar sensível para o outro, assim como uma escuta ativa e qualificada para o acolhimento;
 - É preciso que o acolhimento conste como parte da proposta pedagógica das escolas e que seja tratado como um valor da instituição e de todos os profissionais que ali atuam para que se consolide na prática cotidiana.

Tocantins





Secretário

Fábio Pereira Vaz



Área responsável do projeto na SEE

Secretaria Executivo

Titular da área

Eder Fernandes

Área/ Pessoas Envolvidas

Lêda Maria Tomazi Fagundes - Gerência de Gestão Educacional

Rosângela Souza Terreço - Gerência de Ensino Fundamental

Otília Cândido Martins Gomes - Gerência de Gestão Educacional



Ponto de Contato Consed

Maria de Lourdes Leoncio Macedo - Superintendência de Educação Científica, Tecnológica e Profissional

Entrevistados para o relato

Verny Oliveira Fucks - Responsável pela Unidade Técnica Executiva (UTE) de orientação educacional da Seduc

Seila Alves Pugas - Responsável pela Formação Continuada




A Secretaria de Estado da Educação, Juventude e Esportes (Seduc) de Tocantins lançou, em 2020, com base na parceria com a Vivescer, o programa “Olhar atento”, para apoiar e contribuir no cuidado de questões que envolvem mente, corpo e emoções dos educadores e estudantes da rede estadual.

O estado tem 363.191 alunos matriculados em 1.427 escolas, de acordo com dados do Censo da Educação Básica 2021. Desse total, cerca de 158.336 estão matriculados nas 495 escolas da rede estadual, escolas que oferecem principalmente os anos finais do ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estado tem 4,7 pontos no Índice de Educação Básica (Ideb) dos anos finais e 4,1 no ensino médio.

No lançamento do programa, foi realizada uma palestra virtual sobre as competências socioemocionais na educação, voltadas para os educadores e estudantes de todo o estado.

A Seduc realizou também cursos de formação continuada para os diretores escolares, orientadores, coordenadores pedagógicos, técnicos das Diretorias Regionais de Ensino (DREs) e professores da rede estadual de ensino. O conteúdo abordava discussões sobre a introdução das competências socioemocionais no trabalho da gestão e dos professores, bem como da ressignificação da avaliação no ambiente escolar.

A coordenadora Verny Oliveira Fucks, responsável pela Unidade Técnica Executiva (UTE) de orientação educacional da Seduc, explica que, atualmente, existe também o núcleo multiprofissional composto por psicólogos e assistentes sociais. Além da sede da Secretaria Estadual da Educação, existem 13 diretorias regionais de ensino, que atuam diretamente com as escolas em todos os municípios.



“Tanto as formações continuadas, como as demais demandas da educação, são realizadas pelo setor de orientação educacional. Tudo que envolve a formação para a gestão de emoção dos alunos e professores, se faz aqui nesse departamento”, explica Verny.

Vivescer em Tocantins

Apesar da parceria com a Vivescer ter sido iniciada com a secretaria em 2020, ela passou a ser gerida pelo setor de orientação educacional em 2022. Com isso, neste ano, dez profissionais do setor participaram das formações sobre acolhimento e ficaram responsáveis por multiplicá-las para a rede.

“Em nossa última formação continuada, por exemplo, algumas escolas já trouxeram relatos sobre o trabalho da gestão de sala de aula com acolhimento, tema que anteriormente era visto como uma prática mais pontual, como nos inícios de semestres ou em dias festivos. Com a formação da Vivescer, aprendemos que a cultura do acolhimento é ou deve ser um processo contínuo, uma prática cotidiana de sala de aula”, comenta a coordenadora.

A professora Seila Alves Pugas, que faz parte da equipe de formação continuada da Seduc com foco nas macros competências socioemocionais dos professores, conta que as orientadoras educacionais, junto com as equipes das escolas, trabalharam muito a questão da escuta, inclusão, da dimensão da estética e política do acolhimento no ano de 2022. “Para o ano de 2023, estamos construindo coletivamente e de maneira mais sistematizada com as escolas e as diretorias da rede estadual o trabalho sobre essa temática”.



O curso sobre acolhimento e bem-estar em sala de aula, segundo Verny, mostrou que é possível envolver o professor e trazê-lo para o centro desse compromisso com os alunos, com a educação. “Quando o aluno não está bem, não está compreendendo o conteúdo, ele não se sente pertencente ao espaço escolar. No momento em que o professor consegue ouvir e compreender a necessidade desse aluno, isso também é acolher”.

Equidade, diversidade e inclusão

De acordo com Seila, foi fundamental o aprofundamento dos conceitos de acolhimento das formações continuadas feitas a partir da Vivescer para ampliar o olhar sobre o tema e também a troca com outros estados, trazendo diversidade de olhares e iniciativas.

“O contato com diferentes pontos de vista nas narrativas que foram construídas durante a formação, com pessoas de outros estados, de outras cidades e municípios, trouxe a oportunidade de ampliar o olhar sobre as realidades e, conseqüentemente, contribuiu muito para a questão da empatia e da colaboração. A formação mostrou para nós que, para acolher o outro, a gente precisa escutar, precisa dar crédito às experiências e sentimentos. A perspectiva de implantar o acolhimento como cultura escolar desde o porteiro da escola até a direção foi muito importante nessas duas fases”, destaca a professora.

Ela lembra, ainda, que no Tocantins há comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas e que, portanto, é preciso olhar para essa diversidade na construção dos projetos educativos.

“E, em relação à questão dos princípios do acolhimento na perspectiva de acompanhamento integral, é interessante olhar para a questão da equidade.

Nós precisamos entender que, para promover uma educação integral, é muito importante o reconhecimento do direito de todos e de todas em aprender e trabalhar a questão da diversidade na escola e as múltiplas linguagens e recursos”, fala Seila.

Verny acrescenta que participar das formações foi uma oportunidade de presenciar diversos saberes e ter um olhar mais apurado para a inclusão escolar. “Um olhar mais atento para a escuta, com diálogo sensível, necessário não só com alunos, mas também com as famílias deles”, reforça.

Apoio a professores e estudantes durante e pós-pandemia

O retorno das atividades presenciais exigiu da Secretaria de Educação, no âmbito das políticas públicas, a criação de canais mais dinâmicos para trabalhar os problemas dos municípios do Estado e para responder às situações advindas de cada realidade.

“No pós-pandemia, os professores e os alunos voltaram com dores e perdas. Então, fez-se necessário uma nova postura acolhedora tanto para os alunos quanto para os educadores”, explica Verny.

Um exemplo citado por Seila foi esse olhar atento para o preparo dos estudantes do terceiro ano do ensino médio para a realização do Enem do ano de 2022. “Eles estavam bastante ansiosos, estressados e cansados. As formações com conceitos mais aprofundados nos possibilitaram acolhê-los de um modo mais assertivo e mais leve”.

Para Verny, acolher é compreender e fazer o aluno se sentir pertencente ao ambiente escolar. Ela comenta que “a educação exigiu de nós, nesse período pandêmico, como nunca. Tivemos que olhar o nosso aluno de outra forma, não só

preocupados com o conhecimento científico, mas também com o ser. O aluno na sua integridade. A pandemia nos obrigou a ampliar o nosso conhecimento sobre esse assunto”, pontua.

Para o próximo ano, Venry diz que pretendem dar continuidade ao projeto de formação do Vivescer, especialmente com mais divulgação e incentivo para que os professores participem da formação “Acolhimento e bem-estar em sala de aula”.

“Entendemos que é muito importante esse envolvimento direto dos professores. Essa ideia já está em nosso planejamento”, conclui.

Você já conhece o curso Acolhimento e Bem-Estar na Sala de Aula, da Vivescer?

Esse material traz ferramentas práticas para aumentar a conexão entre professores e alunos. A formação é:

- Online;
- Certificada pelo Instituto Singularidades;
- Gratuita.

Para se inscrever, aponte a câmera do seu celular para o QR Code abaixo ou entre no site www.vivescer.org.br



Parte
03

Vivescer - Retrato
de uma parceria
com o professor
brasileiro

Avaliar para amadurecer e multiplicar

CAPÍTULO

13

A parceria Vivescer-Consed já está em seu terceiro ano no ar. Passou por diferentes fases da pandemia de Covid-19 e a retomada das aulas presenciais pelo país. Foi se modulando, ajustando e multiplicando. O processo tem estimulado e contado com depoimentos recebidos via plataforma on-line dos cursos ou dos processos envolvendo os multiplicadores, assim como também os relatos feitos para a elaboração desta publicação.

Mas além desses processos, entre outubro e novembro de 2022, o Instituto Península, com apoio do Conhecimento Social – Estratégia e gestão, realizou uma pesquisa qualitativa com grupos focais e com abrangência nacional.

A pesquisa teve como objetivo captar as percepções dos educadores sobre os cursos on-line disponibilizados na plataforma Vivescer, a dos multiplicadores em relação ao Programa de Formação de Multiplicadores Vivescer-Consed e ao processo e a transmissão dos conhecimento aos professores para as aplicações dos conteúdos do curso em sala de aula.

Além disso, a pesquisa buscou verificar em que medida os cursos promovem mudanças de práticas dos docentes em suas atividades com seus alunos ou mesmo em suas vivências pessoais como professores.

A metodologia aplicada para a realização da pesquisa qualitativa foi a técnica de Grupo Focal realizada por meio de plataforma digital. A abrangência foi nacional, com participação de profissionais de vários estados, das diferentes regiões brasileiras. Os grupos participantes foram pequenos, não sendo possível extrair dos resultados informações regionais.

Percepção sobre os cursos on-line da Vivescer

Para conhecer a percepção sobre os cursos on-line da plataforma Vivescer, foram convidados educadores de todo país, egressos dos cursos Emoções, Mente, Corpo, Propósito e Acolhimento e Bem-Estar na Sala de Aula.

A avaliação dos cursos, de maneira geral, é muito positiva. Os professores ouvidos relatam que os cursos atenderam as suas expectativas ou, até mesmo, que elas foram superadas.

O grupo destacou as temáticas inovadoras dos cursos tanto no contexto da pandemia, quanto na prática do dia a dia da escola e para a vida pessoal. Foram apontados como cursos que contribuem para o autoconhecimento e o autocuidado. Alguns dos participantes destacaram que é necessário estar bem consigo mesmos para que seja possível estar bem, entender e tratar bem as outras pessoas, inclusive os alunos.

“O curso é diferente. Eu sou uma pessoa que faz bastante cursos e os outros são mais focados na área do conteúdo. A Vivescer trouxe um quadro completo de uma coisa que abrange o macro. Os outros [cursos] são sempre específicos de determinado assunto. Geralmente, o curso de alfabetização é só alfabetização, contação de histórias é só contação de histórias”, relata um(a) professor(a) da Educação Infantil.

“Os [cursos] que estávamos tendo eram mais voltados a como ensinar e a conteúdos de sala de aula, do dia a dia. Esses cursos da Vivescer vieram somar na vida emocional do professor, além de ajudar muito em sala”, professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental.



“O que me chamou atenção foi o momento; o nome tinha muito a ver com o momento, de trabalhar com as emoções. Estava em um período de fragilidade, né?”, professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

“Hoje em dia, é muito aluno com transtorno emocional e a gente vê que é preciso trabalhar essas questões dos sentimentos. A gente tem que saber como lidar, como ouvir, como perceber o outro. Os temas do curso eram muito importantes para o professor na sala de aula, principalmente na pandemia, mas depois da pandemia também”, professor(a) do Ensino Médio.


As atividades disponíveis nos cursos foram consideradas atrativas, tanto para uso próprio, quanto para aplicação com os alunos em sala de aula. Alguns professores relataram ter utilizado as ferramentas e atividades que aprenderam no curso junto com os estudantes, como meditação, técnicas de respiração, entre outras.

“O curso, eu estava fazendo para mim. Mas, depois, vi que eu podia usar na sala de aula também. Mas, primeiro, foi um momento para me ajudar”, professor(a) do Ensino Médio.

Os professores de Ensino Médio, por exemplo, citaram ter incorporado técnicas da jornada de Propósito junto a seus alunos na perspectiva do Projeto de Vida. E, como consenso entre os educadores participantes da pesquisa, esteve o ponto da necessidade da reinterpretação das relações de ensino e de aprendizagem, uma vez que durante sua escolarização e formação como professores, as questões abordadas nos cursos (Emoções, Mente, Corpo e Propósito) quase nunca tenham sido valorizadas ou olhadas com atenção, bem como as oportunidades de dar voz aos estudantes.

“Todos nós, professores, deveríamos ter esse tipo de formação e que pena que nem todos acham que é importante. Muitos professores tomam como perda de tempo, mas eu vejo que é mais fácil passar até o conteúdo quando você e o aluno





estão bem, e o curso nos dá essas ferramentas”, professor (a) dos nos iniciais do Ensino Fundamental.

Sobre a plataforma, o acesso, a aparência e a navegabilidade foram considerados de fácil utilização. Os recursos como vídeos e os textos disponibilizados, no geral, contaram com avaliação positiva no que diz respeito ao tamanho e ao formato.



A maioria dos professores que participou da pesquisa disse que conheceu os cursos por indicação das secretarias de educação e/ou por indicação da gestão escolar e que fez os cursos Corpo, Mente, Emoções e Propósito durante o período do isolamento social em decorrência da pandemia de Covid-19, enquanto as aulas presenciais estavam suspensas. E todos os participantes afirmaram que recomendaram ou recomendariam os cursos a outros professores.

“Conheci através do coordenador da escola. Foi no período da pandemia e ele tinha feito e falou que foi legal e sugeriu para a gente. Eu fiz o primeiro, gostei e continuei nos roteiros”, professor do Ensino Médio.

Alguns dos participantes fizeram, além das quatro jornadas, o curso de Acolhimento e Bem-Estar na Sala de Aula, oferecido mais recentemente na plataforma Vivescer. Esses professores também o avaliaram positivamente e o consideraram ainda mais aplicável em sala de aula, com os estudantes, especialmente na recepção deles no retorno às aulas presenciais, já que muitos vieram com questões ligadas não apenas ao isolamento em si, mas à perda de familiares e a dificuldades financeiras.

Para esses professores, o que os atraiu para um novo curso foram os vários fatores positivos vivenciados nos cursos anteriores.

“Foi muito bom, muito importante para mim ter feito o curso de “Acolhimento”. Me deu muita base para conversar com eles [alunos], porque a volta da pandemia, na realidade, foi muito complicada mesmo”, professor(a) do Ensino Médio.



“Agora vemos que a escuta, roda de conversa e o acolhimento são tão importantes quanto o conteúdo. Vamos aplicando as habilidades de escuta e acolhimento no mesmo grau de importância do conteúdo e, de certa forma, fica mais fácil de argumentar com a direção e coordenação para incorporar essas habilidades no dia a dia”, professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

“A escola ainda está muito preocupada com o conteúdo, plano de ensino e currículo. A gente é cobrado pelo sistema, que cobra o aluno e o professor. Para ter essa visão diferenciada, tem que estar muito bem e com a formação muito em dia. Por isso, eu destaco o curso desse ano [de Acolhimento], que achei muito dinâmico e muito bom por conta disso. O professor tem que estar em formação continuada não para apenas letrar e alfabetizar, mas também nessa questão de como lidar com ele mesmo primeiro, como lidar com a família e como lidar com o aluno”, professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Entre as sugestões de aprimoramento dos cursos da Vivescer estão a inclusão de novos temas e novas técnicas e atividades práticas para utilizarem em sala de aula; a oferta de encontros virtuais com outros professores que realizaram os cursos para troca de ideias e experiências; atividades mais específicas para determinadas faixas etárias dos alunos; mais possibilidades de interatividade nos espaços de avaliações e de comentários das atividades e dos vídeos disponíveis na plataforma.

A Vivescer na visão dos multiplicadores

A pesquisa com o grupo de multiplicadores foi realizada com representantes de secretarias de ensino da rede pública estadual de diferentes estados que participaram do Programa de Formação de Multiplicadores Vivescer-Consed e trouxe mais achados importantes sobre o projeto.



Todos os participantes do grupo elogiaram a iniciativa e a apontaram como satisfatória e positiva. Alguns já conheciam o Instituto Península por meio de outros projetos, como o Impulsiona.

Foi comum, entre os relatos, o aproveitamento das ações de formação de professores que as secretarias já realizavam antes para incorporar a nova formação, sendo que, entre essas iniciativas, já havia a experiência de trabalhar em parceria com o terceiro setor.

Os participantes pontuaram que, no início da implementação do programa, tiveram dificuldade tanto para colocar em prática a ideia como para gerar engajamento. Entretanto, com a parceria e as estratégias sugeridas pelo Instituto Península, foi possível colocar em prática algumas ações sugeridas pelo programa. Na maioria dos casos, o fato de agregarem a nova formação a outros projetos já existentes contribuiu para a efetivação da proposta.

“O que nós estamos estruturando aqui para o estado pós-pandemia é trabalharmos com três vertentes como política pública: a recomposição da aprendizagem, a busca ativa e o acolhimento. Quando a Vivescer vem com essa formação nessa perspectiva de acolhimento, ela não se sobrepõe ao que nós estávamos fazendo, ela agrega valor àquilo que já pensamos em construir, ou seja, à nossa perspectiva de um processo de formação continuada”, multiplicador(a).

De acordo com os multiplicadores participantes da pesquisa, a multiplicação se dá hoje, sobretudo, por meio de rodas de conversa, reuniões on-line e visitas presenciais às escolas. Em algumas localidades, a participação e a multiplicação já vai além dos professores, uma vez que convidaram coordenadores e gestores para também serem multiplicadores em seus territórios de atuação.



Vale destacar que alguns também aproveitaram não somente as propostas e os conteúdos dos cursos da Vivescer, mas também agregaram novos conteúdos, práticas e atividades por meio de pesquisas, inserção de novas bibliografias, documentários e outras sugestões relacionadas aos temas trabalhados pelo programa, feitos pela própria equipe que se formou para a disseminação da proposta, de acordo com contextos e saberes locais.

Em alguns casos, a equipe inicialmente formada nem sempre permaneceu a mesma que deu continuidade ao projeto. Ao longo do tempo, alguns integrantes tiveram que sair por serem alocados em outras demandas das secretarias.

“Nós tínhamos uma equipe maior do que hoje. Mas alguns saíram por outras demandas da secretaria. Mas esse processo do cuidado de acolhimento para dar suporte aos professores precisa se manter e estamos, com esse trabalho, tentando instaurar isso nas escolas como algo fixo”, multiplicador(a).

Todos os participantes reconhecem a importância do programa de formação não somente para os professores, mas também para os vários atores da comunidade escolar nas perspectiva do acolhimento do aluno e da transformação de uma cultura visando o desenvolvimento integral – não somente em tempos de pandemia.

Assim como apareceu entre os grupos de educadores que realizaram os cursos oferecidos na plataforma, os multiplicadores também entendem como relevante tratar o tema do acolhimento e das emoções, além da importância dada a aplicabilidade do conceito de desenvolvimento integral, entendido como ponto central da proposta da Vivescer.

“Eu acho que fomos muito bem instruídos nesses processos desde o ano passado, creio que isso tudo não é nada novo, mas pensando na prática em nível nacional, é algo recente, de fato”, multiplicador(a).



Entre as dificuldades apontadas para a multiplicação do programa no curto prazo, estão: a falta de recursos tecnológicos (para realizar as reuniões on-line com professores, por exemplo); a falta de pessoal e a sobrecarga de trabalho; a concorrência com outros projetos e demandas das secretarias; a logística para ampliação e maior alcance (a distância entre os municípios, por exemplo); a priorização de atividades/conteúdos que visam a tentativa mais imediata de diminuir a defasagem de aprendizado.

“Meu maior desafio é como engajar o professor diante de tanta demanda e da prioridade dele em atuar nas defasagens dos alunos, da prioridade de conteúdo neste momento. Outra coisa é como chegar em todas as escolas ou ir para o interior, considerando que temos muitos municípios no estado. Isso a gente precisava rever, a questão da logística”, multiplicador(a).

Os multiplicadores participantes da pesquisa também deram sugestões para o enfrentamento dessas dificuldades e para a continuidade e ampliação do programa, entre elas:

- Esforço para contar com mais profissionais nas equipes de multiplicadores nas secretarias;
- Envolvimento de especialistas no programa, como psicólogos e assistentes sociais;
- Mais apoio da equipe do Instituto Península tanto na divulgação e na distribuição de materiais quanto na disponibilidade de visitas e de reuniões (presenciais ou on-line) com as equipes das secretarias e com os demais multiplicadores (diretores, coordenadores e professores);



- Disponibilização de formulário de avaliação padronizado para receber informações sobre o que é possível dar continuidade, o que está dando certo e as sugestões do que pode ser melhorado;
- Oferta de mais recursos tecnológicos nas escolas, como notebook e pacote de dados de internet, para que os professores possam realizar os cursos;
- Apoio ao planejamento logístico nos estados de maior extensão para que a multiplicação tenha mais alcance no interior do país.

Boas Práticas de Acolhimento e Bem-Estar nas Escolas Brasileiras

CONSED

Presidente

Vitor de Angelo (ES)

Vice-Presidentes

Raquel Teixeira (RS)

Washington Bandeira (PI)

Igor de Alvarenga (MG)

Kuka Chaves (AM)

Hélio Daher (MS)

Diretora Institucional

Nilce Costa

Coordenadora de Projetos

Thaís Speranza Righetto

Assessor de Comunicação

Eduardo Colin

PROJETO GRÁFICO E ARTE

Ideia Clara

Produção Editorial:

Beatriz Gabino

Ilustrações: Esther Azevedo

Coordenação: Marcela Leite

Direção: Lucas Esteves

INSTITUTO PENÍNSULA

Presidente do Conselho

Eduardo Rossi

Diretora Executiva

Heloisa Morel

Equipe de Dados

Daniela Kimi

Henrique Lima de Siqueira

Diretora de Plataformas

Daniela Kimi

Equipe Vivescer

Ana Flávia Castanho

Eduardo Butter

Felipe Belo

Rita Galdino

Silvia Breim

Sirlene Alves

Verônica Fonseca

Assessoria Técnica

Tânia Barbosa Santos

SEED
SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação



GOVERNO DO
MARANHÃO | SEDUC
TRABALHANDO PARA TODOS

SED
Secretaria de
Estado de
Educação



GOVERNO DE
**Mato Grosso
do Sul**

EDUCAÇÃO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

Secretaria de
Educação
& Esportes



GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO E
DESPORTO



GOVERNO
DE RORAIMA

SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO



GOVERNO DO
TOCANTINS
TRABALHANDO E CUIDANDO DE TODOS